D. J. 8

SERMAM
HISTORICO,
E
PANEGYRICO,
DO P. ANTONIO VIEYRA

da Companhia de Iesv, Prégador de Sua Mageſtade,

NOS ANNOS

DA SERENISSIMA RAINHA N. S.

OFFERECIDO

A SVA MAGESTADE

PELLO R. P. *MANOEL FERNANDEZ,*

da meſma Companhia, Confeſſor do Principe Regente.

EM LISBOA.
Na Officina de IOAM DA COSTA.

M. DC. LXVIII.
Com todas as licenças neceſſarias, & Priuilegio.

I. 522.

SENHORA.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

AS razoens deſte papel, *que ſe hauiaõ de repreſentar viuas, offereceo por minha maõ aos Reaes pès de V. Mageſtade mortas, a enfermidade de ſeu Autor. Nam teue, nẽ pode ter parte nellas, mais que a alma que as ditou, eſtudandoas em ſi meſma; & por iſſo merecedoras de eſperar nos olhos de V. Mageſtade o cumprimento do fauor, que a eleiçam do Principe (que Deos guarde) & o agrado de V. Mageſtade, lhe prometia nos ouuidos. Mandou V. Mageſtade, que logo ſe eſtampaſſem; & pois ſe nam poderam dizer na Capella Real, prègarſeham no mundo. Nam conuinha menor Templo, a celebridade de tamanho dia, como o dos feliciſsimos annos de V. Mageſtade, nem era deuido à grandeza do aſsumpto menos Theatro, em que he tam conhecido o Orador. Guarde Deos a Real Peſsoa de V. Mageſtade, como a Igreja, & os vaſſallos de V. Mageſtade hauemos miſter, para que Portugal logre muitos dias ſemelhantes, feſtejando cõ igual aplauſo, & contando ſem numero os meſmos annos.*

Manoel Fernandez.

2-522.

APPROVAÇAM DO R. P. M. FR. Christouam de Almeida Religioso de Santo Agostinho, Doutor em Theologia, Prègador de S. Mageſtade, Examinador das tres Ordens Militares, Calificador do Santo Officio, eleito Biſpo de Targa.

VI o Sermam incluſo,& alem de nam achar nelle couſa algũa contra noſſa Santa Fè, ou bons coſtumes; me parece muito digno de imprimirſe : por ſerem os diſcurſos que contèm tirados do Euangelho com grande engenho, prouados com graues razoens, & muitos lugares da Sagrada Eſcritura, que o fazem muito merecedor de diuulgarſe pella eſtampa. Lisboa a 27. de Nouembro de 1668.

Doutor Fr. Chriſtouam de Almeida.

APPROVAÇAM DO R. P. M. FR. Phelippe da Rocha Religioſo da ſagrada Ordem da Santiſsima Trindade, Lente de Theologia, Calificador do Santo Officio, eleito Biſpo de Medauro.

NAm tenho que cenſurar neſte Sermam; que ſe o Propheta Iſaias nos diz: *Væ qui dicitis malum bonum, & bonum malum ponentes tenebras lucem, & lucem tenebras:* ſe eu em tanta luz achàra treuas na maldiçam encorrera. Neſte Sermam nam ha mal que offenda noſſa Santa Fè, ou bons coſtumes, tudo he bom. Nos diſcurſos bom: nos penſamentos ſeguro, & delicado: nas prouas ajuſtado. Eu me ajuſto, *vt euitetur ſilentij tenebris in lucem erumpat.* Lisboa, Trindade em 28. de Nouembro de 1668.

M. *Fr. Phelippe da Rocha.*

Paraclitus autem Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo, ille vos docebit omnia. Ioann. 14.

DAr graças, & pedir graça (muito Altos,& muito Poderosos Principes,& Senhores nossos.) Dar graças, & pedir graça,he o assumpto grande deste dia. Dar graças pello anno presente, pedir graça pera os annos futuros. Por isso a solemnidade, & o Euangelho nos leuam ao Autor de toda a graça o Espirito Santo: *Spiritus Paraclitus ille vos docebit omnia.*

§ I.

ASsumpto grande chamei ao deste dia (deixada por agora a segunda parte delle) nam só porque neste dia, com tam deuidas demonstraçoens de prazer festejamos os felices annos da Rainha Sereníssima (que Deos nos guarde por muitos) se nam porque neste dia se serra venturosamente aquelle grande anno; tam grande que nem Portugal o teue igual, nem o mundo o vio maior. Os annos, & os dias do mundo sabos o curso do Sol: os annos, & os dias dos Reynos, fazemnos as acçoens dos Principes. O Sol pòde fazer dias longos: dias grandes só os fazem, & pòdem fazer as acçoens. O mais famoso dia que teue o mundo, foi aquelle em que parou o Sol obediente à voz de hum homem. Escreue o caso o Texto sagrado, & diz assi: *Stetit Sol in medio Cœli; non fuit antea, nec postea tam longa dies.* Esteue o Sol parado no meyo do Ceo, & nem antes, nem depois houue no mundo tam longo dia. Notai. Nam diz o Texto, dia tam grande; senam dia tam longo: *Tam longa dies*; porque o Sol pòde fazer dias longos; dias grandes só os pòdem fazer as acçoens. Aquelle mesmo dia verdadeiramente foi longo,& foi grande: mas foi longo, porque o fez o Sol; foi grande, porque o fez Iosue: foi longo, porque o estendeo a luz; foi grande, porque o engrandeceo a marauilha: foi longo,porque esteue o Sol parado; foi grande, porque hum homem o mandou parar: *Non fuit antea, nec postea tam longa dies.* Este dia, em que se contam vinte & dous de

Iosue 10. 14.

Dies magnus dicitur in quo magna, & mirabilia: dies parvus in quo parua fiunt. Ribera in illud Zacha. 4. quis enim despexit dies parvos?

3-522.

Iunho, dizem os Mathematicos, que he o mayor dia do anno. O mais longo deueram dizer, & nam o mayor. O mais longo para o mundo, mas o mayor para Portugal O mais longo para o mundo; porque nace hoje o Sol mais perto de nòs: o mayor para Portugal; porque naceo hoje Sua Mageſtade, mais longe, mas para nòs. O mais longo para o mundo; porque o acrecenta hoje o Sol com a multiplicaçam de poucos minutos: o mayor para Portugal; porque o engrandece hoje S. Mageſtade cõ a memoria de ſeus felices annos, que para ſerem mais felices, tambem ſam poucos Aſſi que, nam o Sol, ſenam as acçoens, & os ſucceſſos, ſam os que fazem os dias grandes.

Nos annos (que ſe compoem dos dias) paſſa o meſmo. Perguntou El-Rey Faraò a Iacob, quantos annos tinha, & reſpondeo ſabiamente o velho: *Dies peregrinationis mee centum, & triginta annorum ſunt parui, & mali.* Os dias de minha peregrinaçam, ſenhor, ſam cento & trinta annos, pequenos, & maos. Nam ſei ſe reparais no dizer de Iacob? Nam diſſe, que os ſeus annos eram poucos, & maos; ſenaõ pequenos, & maos: *Parui, & mali.* Annos maos nam he couſa noua em hũa vida tam chea de miſerias, como a noſſa, mas annos pequenos, parece que nam pòde ſer, porque todos os annos ſam iguaes. Todos ſe compoem dos meſmos mezes: todos ſe contam peilos meſmos dias: todos ſe medem pellas meſmas horas. Como diz logo, ou como ſuppoem Iacob, que ha annos grandes, & annos pequenos: *Parui, & mali?* A ſegunda palaura he a explicaçam da primeira. Se os annos ſam maos, ſam annos pequenos; ſe os annos ſam bons, ſam annos grandes: ſe os annos ſam maos, & os ſucceſſos aduerſos, & infelices, ſam annos pequenos, & minguados; como os noſſos antigos chamauam às horas menos ditoſas: ſe os annos ſam bons, & os ſucceſſos proſperos, & felices, ſam annos grandes, annos acrecentados, annos mayores, que os outros annos; como eſte grande anno, & feliciſſimo, que hoje celebramos. Quem quizer ver quam grande foi eſte anno, olhe para as acçoens grandes que nelle ſe obràram, olhe para os ſucceſſos grandes, que nelle ſe viram. Leamſe os Annaes de Portugal, & de todos os Reynos do mundo, & em muitos centos de annos ſe nam acharàm divididas tantas couſas grandes, & notaueis, como neſte grande anno ſe viram juntas.

Eſta he a grandeza do anno, & eſta a grandeza da materia. O fundamento que nos dà o Euangelho para dar graças a Deos, & fallar della, ſam as palauras, tambem grandes, que propuz no thema: *Paraclitus autem Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo, ille vos docebit omnia.* O Eſpirito Conſelador, que mandarà o Padre em meu nome (diz Chriſto) elle vos enſinarà tudo. De maneira, que

Paraclitus Græce, Latinè Conſolator. Vide Interpret. nomin. Bibliorũ Hebraicis, Chaldaicè, & Græca lingua

para

para conhecimento,& agradecimento das grandes mercès,que Deos nos fez neſte grande anno, ſe nos propoem hoje o Eſpirito ſanto cõ nome de Conſolador, & com officio de Meſtre. Com nome de Cõſolador: *Spiritus paraclitus* ; com officio de Meſtre: *Ille vos docebit omnia.* O nome pertence ao attributo de ſua Bondade, o officio ao attributo de ſua Sabedoria, & ambos ao proueito, & remedio noſſo. Mas porque razam neſte anno Conſolador, & porque razam neſte anno Meſtre ? Serà porque teue o Eſpirito Santo muito que conſolar, & muito que enſinar neſte anno ? Aſſi foi, aſſi o vimos, aſſi o veremos. Suppoſta pois eſta verdade dos tempos, & eſta melhoria, & differença dos annos, reduzindo todo o aſſumpto a hum elogio breue do anno preſente,ſerá o titulo do Sermam eſte: Anno de Deos Conſolador, & Anno de Deos Meſtre. Anno de Deos Conſolador; porque neſte anno ſarou Deos noſſas deſconſolaçoẽs: Anno de Deos Meſtre; porque neſte anno nos enſinou Deos os remedios. He ſem groſa, nem comento o que eſtà dizendo a letra do meſmo Texto: *Spiritus paraclitus ille vos docebit omnia.*

Agora peço attençam: & a eſpero hoje com a beneuolencia, que ſe deue ao applauſo do dia ; com a expectaçam que merece a eſtranheza do anno; & com a inteireza, & indifferença de animos, que requere a ſuppoſiçam da materia, a força do aſſumpto, & a obrigaçam de Orador. Nos outros ſermoens elegemos, neſte ſeguimos.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

§. II.

AS deſconſolaçoens geraes,que padecia Portugal o anno paſſado,& ainda na entrada do preſente,ſe attentamente as conſideramos, todas ſe reduzem a tres : a Guerra, o Caſamento , o Gouerno. Na Guerra eſtaua o pouo affligido ; no Caſamento eſtaua a ſucceſſam deſeſperada; no Gouerno eſtaua a ſoberania abatida : & em todas juntas ? O Reyno perigoſo , & vacilante. Ora vejamos como Deos neſte grande anno , em quanto Conſolador , nos ſarou eſtas tres deſconſolaçoens : *Spiritus Paraclitus*; & em quanto Meſtre nos enſinou para todas tres os remedios: *Ille vos docebit omnia.* Aſſi como o Euangelho nos deu o aſſumpto em commum , aſſi nos darà tambem os diſcurſos em particular.

Começando pella deſconſolaçam da Guerra, & Guerra de tantos annos , tam vniuerſal, tam interior, tam continua : ò que temeroſa deſconſolaçam ! He a Guerra aquelle monſtro , que ſe ſuſtenta das fazendas,do ſangue,das vidas , & quanto mais come,& conſume, tanto menos ſe farta. He a Guerra aquella tempeſtade terreſtre, que

4.522

leua os campos, as caſas, as Villas, os Caſtellos, as Cidades; & tal vez em hum momento ſorue os Reynos, & Monarchias inteiras. He a Guerra aquella calamidade compoſta de todas as calamidades, em que nam ha mal algum, que ou ſe nam padeça, ou ſe nam tema, nem bem, que ſeja proprio, & ſeguro. O pay nam tem ſeguro o filho, o rico nam tem ſegura a fazenda, o pobre nam tem ſeguro o ſeu ſuor, o nobre nam tem ſegura a honra, o Eccleſiaſtico nam tem ſegura a immunidade, o Religioſo nam tem ſegura a ſua cella, & athe Deos nos templos, & nos Sacrarios nam eſtà ſeguro. Eſta era a primeira, & mais viua deſconſolaçam que padecia Portugal no principio deſte meſmo anno. Mas que bem no la conſolou Deos com a felicidade da paz, de que nos fez mercè! Aſſi o diz o Texto do Euangelho.

Ioan. 14. 27. *Pacem relinquo vobis, pacem meam do vobis, non quomodo mundus dat, ego do vobis.* Deixouos a paz, & douuos a minha paz (diz Chriſto) mas nam vola deu como a dà o mundo. O que reparo neſtas palauras, he, que parece nos dà Chriſto a meſma couſa duas vezes, & que de hũa mercè faz dous beneficios, ou de hum beneficio duas dadiuas. Na primeira clauſula dànos a paz: *Pacem relinquo vobis*: Na ſegunda clauſula tornanos a dar a paz: *Pacem meam do vobis.* Pois ſe a paz he a meſma, porque no la dà duas vezes? Nem he a meſma, nem no la dà duas vezes, diſſe, & notou agudamente Santo Agoſtinho. Na primeira clauſula danos a paz: *Pacem relinquo vobis*: Na ſegunda clauſula danos a paz ſua: *Pacem meam do vobis*; & ſer a paz ſua, ou nam ſua he grande differença de paz. A paz nam ſua, he a paz, que dà, & póde dar o mundo: a paz ſua, he a paz, que sò dà & póde dar Deos: & eſta he a paz, que Chriſto promette no Euangelho, & a que nos deu neſte felice anno: *Non quomodo mundus dat, ego do vobis.* E ſe nam vejamos ſe foi paz ſua por todas as circunſtancias della.

Auguſt. in Ioan. tract. 77.

A mais propria figura da noſſa Guerra, & da noſſa paz, foi a meu ver, a luta de Iacob com o Anjo. E a primeira propriedade da hiſtoria, he a deſproporçam, & deſigualdade dos combatentes. De hũa parte Iacob de tam limitada eſtatura: da outra parte o Anjo de tam deſmedida eſfera. A eſfera do menor Anjo, he ſem proporçam mayor que a eſtatura do mayor homem: & tal he no Mapa do mundo o noſſo Portugal comparado com o reſto de toda Eſpanha. E que ſendo Portugal o Iacob, que ſendo Portugal tam pequeno, nem ficaſſe vencido do poder, nem opprimido da grandeza de hum contrario tam enormemente mayor! Sò Deos o podia fazer. Vio Eleazaro aquelle portentoſo Elefante dos Aſſyrios, que trazia ſobre ſy hum caſtello armado: atreueſe mais que ouſadamente a acometello, era-

Geneſ. 32.

ualhe

talhe pello peito com ambas as maõs o montante: mas que succedeo? Cahio morta sobre elle a machina do vastissimo bruto, & ficou Eleazaro opprimido de sua mesma vitoria, & sepultado (como diz Santo Ambrosio) no seu triunfo. Tal he a fortuna, & o fim dos pequenos, quando se atreuem sem proporçam aos excessiuamente mayores. Os pequenos, ainda quando vencem, ficam debaixo: os grandes, ainda quando sam vencidos, caem decima. Quem he o Elefante, que traz sobre sy o Castello armado se nam Espanha com os Castellos de suas armas? Atreueose Portugal, mais que animosamente, à desigual empreza; mas como Deos pelejaua por elle, & nelle; nam ficou vitorioso, & morto como Eleazaro, senam vencedor, & viuo como Iaçob: antes viuo como Iacob, & immortal como o Anjo.

1. *Machab.* 6. 36. 40.

O genero da peleja do Anjo com Iacob foi luta: *Ecce vir luctabatur cum eo.* Tambem foi luta a Guerra de Espanha com Portugal. Nam he certo, que Espanha abraçaua, & abarcaua por todas as partes a Portugal, desde Guadiana ao Minho, desde Ayamonte a Tui? Mas sendo Espanha a que nos abraçaua a nòs, nòs eramos os que a apertauamos a ella. Catalunha estaua cercada de Espanha por huma parte; mas tinha outra parte aberta, & liure para receber, como recebia, os grandes soccorros de França. Olanda estaua cercada de Flandes por huma parte; mas por outra, & muitas outras, estaua tãbem liure, & aberta para os soccorros da mesma França, de Alemanha, de Inglaterra, do Mundo. E qual foi o fim destas duas guerras? Catalunha, porque estaua tam perto, nam pode preualecer; & Olanda, se preualeceo, foi, porque estaua tam longe. Eis aqui a vantagem glorioſa de Portugal sobre todos. Preualeceo Portugal, preualeceo Olanda; mas Olanda de longe, nòs de perto. Sae a desafio Dauid com o Gigante, mete a pedra na funda (porque para a pedra, & para Pedro estaua guardada a vitoria) dà huma volta ao redor da cabeça (que tambem foi necessario dar volta) em fim dispara, fere, derruba: poemse de dous saltos sobre o Gigante, & cortandolhe com sua propria espada a cabeça, entra triunfando por Hierusalem, & pendura no Templo a vitoriosa espada. Aqui a minha duuida. Là que Dauid pendura no Templo a espada, porque nam pendura a funda? Se a espada cortou a cabeça ao Gigante, a funda derrubou ao Gigante pella cabeça. Pois porque nam fez trofeo da funda, como fez trofeo da espada? Porque a funda tirou, & venceo de longe, a espada cortou, & venceo de perto. Olanda, & Portugal foram o Dauid: Espanha era o Golias, era o Gigante: mas a victoria de Olánda foi a da funda; a vitoria de Portugal foi a da espada. Entre Espanha, & Olanda hauia trezentas legoas de mar, & terras; entre

Genes. 32. 24.

1. *Reg.* 17. v. 49.

Tulitque vnam lapidē, & funda jecit, & circūducens percussit Philistæum.

1. *Reg.* 21. 10. *Vide Basil. Seleuc. orat.* 15.

Eſpanha, & Portugal huma ſó linha Mathematica. Eſcondaſe logo a funda, & metaſe outra vez no ſurram, & pendureſe no Templo ſó a eſpada.

Apertado de Iacob o Anjo, reſolueſe a lhe pedir pazes: *Demitte me*: Iacob deixame. Infinitas graças vos ſejam dadas, Senhor! No principio da Guerra ſó queriamos que Eſpanha nos deixaſſe, no fim da guerra, pedenos Eſpanha que a deixemos: *Demitte me*. Mas que reſponde Iacob ao Anjo *Non demittam te, niſi benedixeris mihi*: Que o nam ha de deixar ſe lhe nam conceder quanto quizer. Baſta que o mayor pede as pazes, & que o menor poem as condiçoens! Quem pudera fazer eſte trocado, ſe nam Deos? O meſmo Deos o diga. Na parabola: *Si quis Rex iturus committere bellum aduerſus alium Regem*: Introduz Chriſto dous Reys poſtos em armas, hum menos poderoſo, outro com mayor poder; hum que ſe acha cõ dez mil ſoldados, outro com vinte mil. Pergunto; & para eſtes dous Reys virem a condiçoens de paz, qual delles he o que a deue pedir, como, & quando? *Adhuc eo longe agente, legationem mittens rogat ea quæ pacis ſunt.* O menos poderoſo (diz Chriſto) he o que ha de mandar a embaixada, o menos poderoſo, he o que ha de rogar, & pedir a paz, o menos poderoſo he o que ha de aceitar os partidos, & ſe ha de contentar com os que lhe concederem; & iſto nam depois, ſenam antes de virem às maõs. Nam podemos negar, que para cada Cidade de Portugal tem Eſpanha hum Reyno. E que Eſpanha foſſe a que mandou o Embaixador: *Legationem mittens!* Que Eſpanha foſſe a que propoz, & pedio a paz *Rogat ea quæ pacis ſunt!* E que Portugal, pello contrario, ſeja o que difficultou as condiçoẽs! Que Portugal ſeja o que pleiteou as igualdades! Que Portugal ſeja o que dizia o nam, & mais o ſe nam: *Non demittam, niſi benedixeris!* E tudo iſto com mageſtade, & ſoberania reciproca, & com reconhecimento de Rey a Rey: *Si quis Rex aduerſus alium Regem!*

Genes. 32. 26.

Luc. 14. 28.

Ainda fez mais Deos para que nos nam faltaſſe a preferencia, & melhoria do lugar. *Et benedixit ei in eodem loco.* Concedeo o Anjo, & veyo em todas as condiçoens, que quiz Iacob: mas aonde? *In eodem loco*: No meſmo lugar de Iacob, no meſmo lugar onde Iacob eſtaua antes da lura. Hum dos eſcrupulos mais pleiteados entre os Principes para os tratados de paz, he a circunſtancia, & eleiçam do lugar. Aſſi como nos deſafios ſe parte o Sol, aſſi em ſemelhantes Congreſſos ſe partem as terras, os mares, os rios. Na vltima paz de França com Eſpanha, que ſe chamou dos Pyreneos, o lugar em que ſe ajũtaram os primeiros Miniſtros de ambas as Coroas, foi no meyo do rio Vidaſſo, que he a raya, ou a baliza (ſempre inquieta) com que

Genes. 32. 30.

a nã-

a natureza diuidio a Eſpanha de França. Atè a noſſa ſuſpenſam de armas em Lapella ſe ajuſtou de exercito a exercito em huma Ilhota do Minho. Mas para as pazes de Portugal, nem ſe partio a corrente do Guadiana, nem ſe medio a ponte do Caya. A Liſboa ſe vieram tratar as pazes, em Liſboa ſe capitulàrão, em Liſboa ſe firmàrão, & a Liſboa ſe trouxeram ratificadas. Entreuieram no tratado tres Coroas, as quaes parece eſteue retratando, & pondo em ſeus lugares o Eccleſiaſtico em tres aruores Hieroglificas marauilhoſamente. Note ſe a ordem, & os nomes, qùe ſam muito para notar. *Quaſi palma exaltata ſum in Cades, quaſi plantatio roſæ in Iericho, quaſi oliua ſpecioſa in campis.* De huma parte eſtaua a Palma, da outra parte a Oliueira, & no meyo de ambas a Roſa. Quem he a Palma, ſenam Portugal carregado de vitorias: *Quaſi palma exaltata ſum in Cades!* Quem he a Oliueira, ſenam Eſpanha, requerendo decoroſamente a paz com ſeus exercitos em campo: *Quaſi Oliua ſpecioſa in campis?* E quem he a Roſa, fazendo a mediaçam no meyo de huma, & outra, ſenam Inglaterra, que tem a Roſa por armas: *Quaſi plantatio Roſæ in Iericho?* Mas em que lugar vimos nòs eſtas reaes, & myſterioſas aruores? Por ventura diuididas cada huma no ſeu terreno: a Oliueira nos campos, a Roſa em Ierichò, a Palma em Cadez? Nam por certo. Todas vimos juntas em Liſboa, todas dentro na noſſa Corte, todas no meſmo lugar: *In eodem loco.* *Eccleſ.24.18.*

Sò reſtaua a circunſtancia do tempo. Mas parece, que a noſſa paz nam ſe fez em tempo; final, que foi paz de Deos, & nam do mũdo. Que de tempos coſtuma gaſtar o mundo, nam digo no ajuſtamento de qualquer ponto de huma paz, mas ſó em reſiſtar, & compor os ceremoniaes della! Tratados Preliminares lhe chamam os Politicos: mas quantos degraos ſe ham de ſobir, & decer, quantas guardas ſe ham de romper, & conquiſtar, antes de chegar às portas da Paz, para que ſe fechem as de Iano? E depois de aceitadas, com tanto exame de clauſulas, as Plenipotencias: depois de aſſentadas, com tantos ciumes de authoridade, as Iuntas: depois de aberto o paſſo, as que chamam Conferencias, & ſe hauiam de chamar differenças; que tempos, & que eternidades ſam neceſſarias para compor os intricados, & porfiados combates, que alli ſe leuantam de nouo? Cada propoſta he hum pleito: cada duuida huma dilaçam: cada cõueniencia huma diſcordia: cada razam huma difficuldade: cada intereſſe hum impoſſiuel: cada praça huma conquiſta: cada capitulo, & cada clauſula delle huma batalha, & mil batalhas. Em cada palmo de terra encalha a paz; em cada gota de mar ſe afoga; em cada atomo de àr ſe ſuſpende, & pàra. Os auiſos, & as poſtas a correr, *Annal. Spondani in Append. ad annum 1645.*

6.822

& cruzar os Reynos; & a paz muitos annos sem dar hum passo. A famosa Dieta, ou Congresso vniuersal de Munster na Vesphalia, que vimos em nossos dias, em espaço de sette annos, que durou, veyo a sair com mea paz. Fez Espanha paz com Olanda, & Suecia; ficou em guerra com França, & Portugal. Vede que bem se equiuòca o *pacem meam*, có a mea paz: & quanto vay de tépo a tempo? Aquella em tantos annos, a nossa em tam poucos momentos: aquella tam esperada sem se concluir, a nossa concluida, quando se nam esperaua: aquella tam dilatada, a nossa tam subita.

Esta circunstancia de subita, foi a excellencia particular que S. Lucas ponderou na Paz de Christo: *Et subito facta est cum Angelo* Luc. 2. 13. *multitudo militiæ cœlestis laudantium Deum, & dicentium: gloria in altissimis Deo, & in terra pax hominibus.* Atè aquelle ponto estauam a Terra, & o Ceo em huma tam porfiada, & inueterada guerra, bem descuidados os homens, que tiuesse, nem podesse ter fim; quando subitamente: *Subito*: ouuiram cantar, & publicar as pazes. E nota o Euangelista (cousa muito digna de se notar) que os Embaixadores da paz foram os mesmos Ministros da guerra: *Multitudo militiæ cœlestis.* He certo, como nos ensinou Isaias, que na Corte do Ceo ha Anjos particulares, que sam proprios Ministros da paz: *An-* Isai. 33. 7. *geli pacis.* Pois se no Ceo ha Anjos da paz; porque nam foram estes os Embaixadores da paz de Christo, senam os Ministros da guerra: *Multitudo militiæ cœlestis?* Porque assi hauia de ser, sendo a paz subita. Houue tam pouca distancia entre a guerra, & a paz, foi a paz tam apressada, tam abreuiada, tam subita; que nam deo lugar de multiplicar, nem mudar Ministros: os mesmos que eram Ministros da guerra, foram os Embaixadores da paz. O Paz de Portugal, paz verdadeiramente de Christo! Quem foi o Embaixador da nossa paz, senam hum Ministro (& tantas vezes grande) da mesma guerra? A fortuna da guerra o trouxe a Portugal, & a da paz o fez Embaixador della. Nam deu tempo a breuidade da paz a multiplicar, nem variar Ministros: para que a paz de Portugal fosse tam subita, como a de Christo, & tam subita, como a de Iacob. Andauam Iacob, & o Anjo no mayor feruor, & aperto da luta: & para a guerra subitamente se conuerter em paz, nam foi necessario mais, que mudar as tençoens: era luta, ficàram abraços. Com aquelles grãdes braços com que Espanha nos cercaua contraria, com esses mesmos em hum momento, nos abraçou amiga. Aos doze de Feuereiro anoitecemos, como em tempo de ElRey Dom Affonso; aos treze amanhecemos, como em tempo de ElRey Dom Sebastiam. Na tarde de hontem, ainda apertauamos os punhos; na manhãa de hoje ja tinhamos dado as mãos.

Marquez de Leone, & c. Plenipotenciario de Espanha.

Fey-

Feita a paz, nam pedio cauçam Iacob, nem fianças della; porque o decoro da meſma paz, era o melhor fiador de ſua firmeza. Naquella paz do ſeculo dourado (Paz verdadeiramente de Deos) dizẽ os Profetas, que o Leam deporia a ferocidade, & a Serpente o veneno; que ſe quebrariam os arcos, & ſettas; que ſe queimariam os eſcudos, & lanças; que as eſpadas ſe conuerteriam em arados, & foices; & que nam haueria mais exercicio, nem ainda temor, ou receo de armas. E donde tanta confiança entre homens? Na fé? Na palaura? Na meſma paz? Nam; ſenam no decoro della. He ponderaçam de ſó Iſaias, como Profeta tam politico, & tam verſado na razam das Cortes. *Sedebit Populus meus in pulchritudine pacis.* Nam diz, que viuiriam os homens tam confiados, & deſcanſados na paz, ſenam na fermoſura da paz: *In pulchritudine pacis*; porque ſó entam he a paz ſegura, & firme, quando para todas as partes he fermoſa. Iá o Leam de Eſpanha depoz a ferocidade; já a Serpente de Portugal depoz o veneno; já vemos o ferro em todos os campos fronteiros, com alegria da terra, conuertido em arados; já houue praça, & praças em que os inſtromentos da guerra ſe acendèram em luminarias das pazes; & nam ſam eſtes effeitos da paz, ſe nam da paz fermoſa: *In pulchritudine pacis*; porque he fermoſa para Eſpanha, & fermoſa para Portugal: fermoſa para Iacob, & fermoſa para o Anjo. Iacob, & o Anjo, ambos ſairam da luta com mayor, & melhor nome: Iacob com nome de Iſrael, & o Anjo com nome de Deos: *Iſrael erit nomen tuum, quia contra Deum fortis fuiſti.* Iacob acreditou a fortaleza, o Anjo manifeſtou a diuindade. Atè naquellas, que acima pareciam deſigualdades, ficou tam gentilhomem o Anjo, como Iacob. Iacob fez honra de nam pedir a paz; porque era valente deſconfiado: o Anjo nam fez pundonor de ſer requerente della; porque tinha mais ſeguros os eſtribos da confiança: Iacob nam a pedio por timbre de ſeu valor; concedeo a nam pedida o Anjo por confiança de ſua grandeza. Da parte de Iacob nam ha que recear, porque a ſua guerra foi defenſiua: da parte do Anjo tambem nam ha que temer, porque deſpio o fantaſtico, & ficou no incorruptiuel. Segura eſtà logo, & firme para ſempre a paz; porque eſtà reciproca, & decoroſamente ratificada debaixo das armas de ſua fermoſura: *In pulchritudine pacis.*

Iſaias 2. 4. Michæ. 4. 1. Pſal. 45. 10.

Iſai. 32. 18.

Mas a cujos auſpicios deue Portugal eſta felicidade? Qual foi a Iris celeſtial que de là nos trouxe eſta paz? Nam o digo eu, ſenam o meſmo Texto: *Dimitte me, jam enim aſcendit Aurora.* Paz, paz (dizo Anjo a Iacob) porque jà vem apparecendo a Aurora. Pois, porque amanhece, & apparece a Aurora, & vem arrayando com ſua luz a teria, eſſa he a razam porque ha de ceſſar a peleja? Sam myſte-

Geneſ. 32. 26.

7-522

rios do Ceo. Apareceo a belliſſima Aurora nos noſſos Orizontes coroada de reſplandores, & lirios, & no meſmo ponto começou a ſe mouer em ſeu ſeguimento a paz. He verdade, que da primeira ve errou a paz o tempo, & o caminho: errou o tempo; porque hauendo de vir neſte anno, vinha no paſſado: errou o caminho; porque hauendo de vir a Liſboa, foi a Saluaterra. Nam era tamanha felicidade, nem para aquelle tempo, nem para aquelle lugar, nem para aquella companhia, nem para a primeira vez. Duas vezes ſahio a põba da Arca de Noe: do primeiro voo, nam eſtaua ainda baſtantemẽte deſafogada a terra, & nam achando onde firmar os pés, voltou ſem nouas da paz. Do ſegundo voo eſtaua jà ſocegada a tromenta, & deſaguado o diluuio: deſcobre a Oliueira, toma o ramo no bico, & alegrou com a viſta delle as reliquias do paſſado mundo, & os principios do futuro. O meſmo aconteceo à feliciſſima Pomba da noſſa Arca (Fenix hauia de ſer ſe Noe preuira o que repreſentaua): ella foi a que nos trouxe o ramo da Oliueira: ella foi a que nos trouxe a paz; & nam do primeiro voo, ſenam do ſegundo. O primeiro voo foi de França a Portugal: o ſegundo voo foi do Paço à Eſperança: & onde, ſenam na Eſperança, ſe hauia de colher o ramo verde: *Ramum Oliuæ virentibus folijs*? Aſſi nos pacificou a Pomba da terra, & aſſi nos conſolou, & nos enſinou a conſeguir a paz a Pomba do Ceo: *Spiritus Paracletus ille vos docebit omnia.*

Primeira propoſta da paz no anno de 1667 eſtando ElRey D. Afonſo em Saluaterra.

Geneſ. 8. 10.

§. III.

A Segunda deſconſolaçam que padeciamos no principio deſte notauel anno, era a do Caſamento Real, deſejado com tanta razam, duuidado com tanto fundamento, concertado com tanto acerto, mas conſeguido, finalmente, com tam pouca ventura. O acerto da eleiçam, & as conueniencias della entẽdèram jà antigamente bem duas grandes cabeças do mundo: o Papa Pio Quinto, & ElRey Phelippe Segundo. O Papa procurando com todas as inſtancias, o Rey eſtoruando com todas as forças, aliança, & vniam de Portugal com França, no caſamento de ElRey Dom Sebaſtiam com Margarita de Vallois filha de Henrique Segundo, & irmam de Carlos Nono. Mas deixada eſta conſideraçam, & o profundo de ſuas conſequencias aos politicos; para o fim da Real ſucceçam, que ſe pretendia, baſtaua ſó a razam (& nam ſei ſe a experiencia) da meſma agricultura natural. A enxertia mais propria, mais certa, & mais ſegura, he quando o garfo, & a raiz ſam da meſma planta. Aſſi o enſinou fiſicamente, nam Plinio, ou Dioſcorides, ſenam o Apoſto-

In 1ª Epiſt. Pij V. ad R. Sebaſtian.

lo S.

lo S. Paulo eſcreuendo aos Romanos. *Si tu ex naturali exciſus es oleaſtro, & contra naturam inſertus es in bonam oliuam, quanto magis ij qui ſecundum naturam inſeruntur ſuæ oliuæ?* Se o ramo de oleaſtro (como vòs) enxertado na oliua dà fruto; quanto mais abundante, & copioſo fruto darà o ramo da meſma oliua, ſe for enxertado nella? E dà a razam o Apoſtolo. Porque o enxerto de oleaſtro em oliua he contra natureza; o enxerto de oliua em oliua he natural: o de oleaſtro em oliua he contra natureza; porque o garfo he de huma planta, & a raiz de outra: o de oliua em oliua he natural; porque o garfo, & a raiz ſam da meſma planta. Eſta meſma agricultura de Sam Paulo, he a do noſſo caſo. A raiz do tronco Real dos Reys Portuguezes, foi o Conde Dom Henrique pay do Primeiro Rey Dom Affonſo, ſegundo neto de Roberto, & terceiro de Hugo Capeto Reys de França. Logo nam podia hauer eleiçam mais acertada, nem enxertia mais propria, & natural, que ir buſcar outra vez o garfo mais generoſo da aruore Real de França, para que o garfo, & a raiz foſſem do meſmo tronco. Eſte foi o acerto acertadiſſimo da eleiçam; mas o erro, & o engano eſteue em que ſe vnio o garfo ao ramo ſeco, & eſteril, quando ſe hauia de vnir ao ramo verde, & fecundo.

Sandoual Chro. Alfonſ. VI. Vaſconcellos Eloq. I. Brandaõ lib. 8. Monarch. cap. 1. Sueiro Annal. Flãdr. 191. Paez Viegas Princi. R. Luſ. lib. 1. Faria Epitom. &c.

O que deſgraça, & que deſconſolaçam tam grande para hum Reyno poſto no vltimo fio! E tanto mayor deſconſolaçam, quanto mais ignorada; tanto mayor deſgraça, quanto mais applaudida Quẽ eſtiuera olhando do mais alto deſſes montes no dia do famoſiſſimo triunfo (o mais ſolemnizado, que vio Portugal, nem Europa) com que os noſſos Reys naquella memorauel entrada foram recebidos: & chorando entam ſobre Liſboa (como Chriſto ſobre Hieruſalem) lhe diſſera: *Si cognouiſſes & tu quæ ad pacem tibi; nunc autem abſcondita ſunt à té.* Abre os olhos ô cega, & mal triunfante Cidade! Vé o que ſolenizas, vé o que feſtejas, vè o que applaudes! Solenizas o que cuidas que he verdade, & he illuſam: feſtejas o que eſperas que ha de ſer ſucceſſam, & he engano: applaudes o que chamas Matrimonio, & he nullidade. Adoras eſſe carro do Sol, imaginando que ha de tornar a naſcer, & nam vez que o ſeu Occaſo nam tem Oriente. Como he certo que ſe naquelle dia entenderamos o que depois ſe conheceo; as galas ſe hauiam de trocar em lutos, os epitalamios em lagrimas, os arcos, & as piramides em mauſoleos, & ſepulchros: pois as meſmas vodas que celebrauamos dos Reys preſentes, eram exequias dos futuros. Vé lo o Principe Abſalam, que não tinha filhos, diz o Texto ſagrado, que leuantou hum arco triũfal no valle, chamado de ElRey, para perpetuar ſua memoria nas pedras, jà que

2. Reg. 18. Abul. Cajet. Dioniſ. Cornel. hic.

que nam podia na ſucceſſam. Taes foram os arcos, & os troſeos daquelle famoſiſſimo, & falſo triunfo, tal foi entam a noſſa enganada, & enganoſa alegria, & tam verdadeira era a noſſa dor, & tam bem fundada a noſſa deſconſolaçam.

Mas Deos, que neſte grande anno hauia de ſer o Conſolador das triſtezas, & o Meſtre das difficuldades; vede que facilmẽte diſpoz, & compoz tudo em duas notaueis acçoens. E quaes foram? A primeira, que Sua Mageſtade obrigada da conſciencia, ſahiſſe do Paço para deſenganar ao Reyno do ſeu perigo: a ſegunda que obrigada do amor do meſmo Reyno, tornaſſe outra vez para o Paço para lhe dar o remedio. De maneira que neſte ir, & vir eſteue o reparo de tudo. E ſenam digao o Euangelho. *Non turbetur cor veſtrum, neque formidet; vado, & venio ad vos.* Nam tem que temer, nem que ſe alterar voſſos coraçoens; porque eu vou, & torno. Fallaua Chriſto aqui da ſua morte, & da ſua Reſurreiçam: ao morrer chamou ir, ao reſuſcitar chamou tornar: & eſte ir, & tornar, foi o ſocego, & remedio de toda a perturbaçam do ſeu Reyno; porque indo, & morrendo matou a morte, voltando, & reſuſcitando recuperou a vida. As almas dos outros homens nam recuperam a vida; porque como notou Dauid, ſam almas que vam, & nam tornam: *Spiritus vadens, & non rediens:* Mas a alma de Chriſto matou a morte, & recuperou a vida; porque era a alma que foi, & tornou: *Vado, & venio ad vos.* O eſpirito ſingular, ò alma generoſa do noſſo Reyno! *Spiritus vadens, & rediens*: Eſpirito que foi, & tornou. Que foi para matar a morte, que tornou para reſuſcitar a vida: que foi para matar a morte do Reyno morto pella eſterilidade, que tornou para reſuſcitar a vida do Reyno, reſuſcitado pella ſucceſſam. A vida dos Reynos he a ſucceſſam dos Reys: ſe eſta falta, morrem os Reynos: ſe eſta ſe recupera, reſuſcitam. E eſta he a differença em que, no principio, & no fim deſte grande anno, vimos, & vemos a Portugal: No principio do anno, morto pella eſterilidade: no fim do anno, reſuſcitado pella ſucceſſam.

Retiro da Rainha N.S. pera o Conuento das Eſperãças.

Ioan. 14.

Ita Lirinus hic.

Pſal. 77. 39.

Sentenceou Deos a Adam, & ſentenceou a Eua. A pena da ſentença de Adam foi a eſterilidade, & a morte: *Maledicta terra in opere tuo, in pulverem reuerteris.* A pena da ſentença de Eua foi o parto dos filhos, & a ſogeiçam do Matrimonio: *In dolore paries filios, ſub poteſtate viri eris.* Pois ſe a cauſa era a meſma; porque foram as ſentenças tam diuerſas? Porque quiz Deos renouar o rigor da primeira ſentença na miſericordia da ſegunda: & reſtaurar ao genero humano por parte da mulher, o que lhe tinha tirado por parte do homem. Na ſentença de Adam pronunciouſe expreſſamente a morte:

Geneſ. 3. 19.

te: *In pulucrem reuerteris*: Na ſentença de Eua declarouſe tambem expreſſamente a ſucceſſam: *Paries filios:* & nam ha duuida que pella promeſſa da ſucceſſam ſe reſtituhio outra vez ao genero humano o que ſe lhe tinha tirado pella ſentença da morte; porque o meſmo homem, que pella fogeiçam da morte ficàra mortal, pello beneficio da ſucceſſam ficou outra vez immortalizado De maneira, que a ſucceſſam prometida a Eua, foi reuogaçam da morte fulminada contra Adam; porque a ſucceſſam he huma ſegunda vida, ou huma anteci-
pada reſurreiçam, com que os pays ſe immortalizam nos filhos *Miſericors Deus puniendi ſeueritatem diminuens, & mortis perſonam auferens, liberorum ſucceſsionem largitus eſt: quaſi imaginem reſurrectionis per hoc ſubindicans, & diſpenſans, vt procadentibus alij reſurgant*: comentou, com o meſmo penſamento, S. Ioam Chryſoſtomo. E por iſſo Adam (que foi o primeiro Autor deſte reparo) ſendo elle verdadeiramente pay dos mortos, chamou, ſem liſonja, a Eua mãy dos viuentes: *Vocauit Adam nomen vxoris ſuæ Heua, eo quod mater eſſet cunctorum viuentium*. Quem diſſera, que na primeira tragedia do mundo hauia de eſtar retratada a hiſtoria deſte anno em Portugal! Na primeira ſentença, por parte do homem, Portugal ſem ſucceſſam, condenado à morte: *In pulueren reuerteris*: Na ſegunda ſentença, por parte da mulher, Portugal com ſucceſſam, reſtituido à immortalidade: *Paries filios.*

Chryſoſt. homil. 18 in Geneſ.

Geneſ 3 20.

Sentença da nulidade do Matrimonio. Primo ex probabili defectus conſenſus juxta comun. ſent. Sanches lib. 7 diſp. 7. ſecundò ex opinione Propoſiti, Eman. Rz. Amici. Taneri, Cõradi, Saa, & aliorum, qui probabile exiſtimãt ex matr. rato non conſummato non reſultare impedim. publ. honeſtatis etiã poſt matrim. conſ.

E para que ſe veja qual foi a mam ſuperior que obrou toda eſta mudança, reparemos na maior circunſtancia della. Enuoluidas as duas ſentenças em huma ſentença; que ſuccedeo? Publicouſe a ſentença hontem, chegou o Breue da diſpenſaçam hoje, celebrouſe o Matrimonio àmenham. Os repentes do Eſpirito Santo eſtam acreditados deſde o primeiro dia, que veyo ſobre a Igreja: *Factus eſt repente de Cælo ſonus.* Ha tal repente como eſte? Hontem a ſentença, hoje o Breue, àmanham o caſamento! Aſſi o fez Deos para prouar que era obra ſua. Huma opiniam dizia, que era neceſſaria diſpenſaçam do Pontifice: outra opiniam defendia, que nam era neceſſaria diſpenſaçam: & Deos mandou o Breue tanto a ponto; porque nam ſó quiz caſar as peſſoas, ſenam tambem as opinioens. O Matrimonio mais difficultoſo, & infinitamente diſtante (que foi o do Verbo com a humanidade) concordouſe em hum inſtante; mas as opinioẽs dos entendimentos Angelicos ſobre eſte meſmo myſterio, ram ſe ham de concordar por toda a eternidade. Tanto mais facil he vnir diſtancias, & vontades, que caſar opinioens, & entendimentos. Poderem caſar as peſſoas ſem o Breue, era opiniam: poderem caſar as opinioẽs ſem o Breue, era impoſſiuel, por iſſo mãdou Deos o Breue.

9.522

Exod. 24. 16. 3 *Reg.* 11. 1. *Num.* 12. 1.

Caſou Moyſes com Sephora Princeza de Madian, & concorria no Matrimonio aquelle impedimento que depois ſe chamou: *Cultus diſparitas*; porque Sephora era de differente naçam, & religiam. Murmuraram do caſamento Aram, & Maria; mas acodio logo Deos a desfazer eſta opiniam, em Aram com ſatisfaçam ſecreta, em Maria, nam ſó com ſatisfaçam, ſenam ainda com mortificaçam publica. He certo com tudo, que o Matrimonio era licito, & valido, como ſuppoem Expoſitores, & Padres; porque o impedimento allegado, nam era de direito natural, & ainda entam nam hauia direito poſitiuo, que o prohibiſſe, como conſta da hiſtoria, & chronologia ſagrada. Pois porque nam diſſimula Deos com a murmuraçam de Aram, & Maria: & porque os nam deixa ficar embora, ou no ſeu erro, ou na ſua opiniam, ſuppoſta a validade do Matrimonio? Porque Moyſes, & Sephora eram os Principes ſupremos do Pouo de Deos: & no caſamento de peſſoas tam altas, & ſoberanas, que ham de ſer a regra & exemplar do mundo, nam ſó quer Deos que haja validade no Matrimonio, mas nem permitte que haja contrariedade nas opinioẽs. Quer que ſeja licito ſem eſcrupulo: quer que ſeja valido ſem diſputa: quer que ſeja recebido de todos ſem contradiçam. Ceſſe logo a diuerſidade de pareceres (diz o ſupremo diſpenſador) & aſſi como ſe deram as mãos os contrahentes, demſe tambem as mãos as opinioens. Aſſi o fez Deos em hum, & outro Matrimonio; mas com grande ventagem de Prouidencia no noſſo. Porque nas vodas dos Principes de Iſrael primeiro ſe caſaram as peſſoas, & depois ſocegou Deos as opinioens: nas vodas dos noſſos Principes primeiro concordou Deos as opinioens, & depois ſe recebèram as peſſoas.

Diſpenſaçam expedida em França pelo Eminentiſsimo Cardeal de Vandoma Legado à latere.

Mas ſe algum eſcrupuloſo critico ſobre os poderes ampliſſimos delegados, achar menos (em materia tam grande) a confirmaçam immediata, & bençam do Pontifice; digo, que nem eſta faltou: porque ſupprio Deos por ſy meſmo as vezes do ſeu Vigario. Quando Chriſto reſpondeo a Dimas: *Hodie mecum eris in Paradiſo*; reparou, com ſutileza, Arnoldo Carnotenſe, que aquella indulgencia de abrir as portas do Paraiſo, pertencia a S. Pedro, & às ſuas chaues. Pois ſe eſte era o officio de Pedro; porque o exercitou Chriſto naquella occaſiam? Porque eſtaua Pedro auſente, & nam ſofria tanta dilaçam a breuidade do deſpacho: *Hodie*. E aſſi como Pedro na auſencia de Chriſto ſuppre as vezes de Chriſto, aſſi Chriſto na auſencia de Pedro ſuppre as vezes de Pedro. *Aberas Petre* (diz Arnoldo) *vices tuas gerit ſummus Sacerdos Ieſus*. Eſtaua auſente tambem, & mais diſtante no noſſo caſo o Vigario de Chriſto: & porque a breuidade, & neceſſidade do deſpacho nam conſentia tanta dilaçam; ſupprio

Arnoldo de ſepte verbis.

ſupprio o ſoberano Senhor as vezes do ſeu Vigario, confirmando por ſy meſmo o que elle em tanta diſtancia nam podia.

E em que conſiſtio eſta confirmaçam? No effeito, & cumprimento promptiſſimo do que Portugal deſejaua, & pretendia. Deos, como diz Dauid, confirma os conſelhos com os effeitos. *Tribuat tibi ſecundùm cor tuum, & omne conſilium tuum confirmet.* Se os conſelhos nam tem effeito, he ſinal que os nam approua Deos: mas ſe o effeito deſejado ſe ſegue aos conſelhos, he proua, que Deos os approua, & os confirma. O conſelho de Portugal foi, que à experiencia prouada do Ramo eſteril ſuccedeſſe a eſperança do fecundo: & que à infelicidade das primeiras vodas ſe ſuſtituiſſe o remedio das ſegũdas. E o effeito marauilhoſo foi; que tanto que as ſegundas vodas foram celebradas, logo (como em outra vara de Aram floreſcente) amanheceo à noſſa deſconſolaçam o fruto deſejado, & pretendido dellas. Aſſi declarou Deos o ſeu beneplacito: aſſi confirmou com o effeito a noua eleiçam: & aſſi ſupprio a bençam immediata do Pontifice auſente, com a bençam preſente ſua. Nam he fraſi, nem applicaçam minha; ſenam eſtylo praticado de Deos, deſde o primeiro Matrimonio do mundo. Lançou Deos a bençam ſobre o Matrimonio de Adam, & Eua: & o effeito, & proua da bençam, foi a fecundidade, & ſucceſſam dos filhos: *Benedixit illis Deus, & ait, creſcite, & multiplicamini.* Lançou Deos a bençam ſobre o Matrimonio de Iſaac, & Rabecca: & o effeito, & proua da bençam, foi tã bem a ſucceſſam, & fecundidade: *Benedicam tibi, & multiplicabo ſemen tuum.* Lançou Deos a bençam ſobre o Matrimonio de Abraham, & Sara: & o effeito, & proua da bençam, foi da meſma maneira, a fecundidade, & ſucceſſam: *Benedicam ei, & ex illa dabo tibi filium.* Cuidam os que mal o conſideram, que o fruto da ſucceſſam he effeito ſó dos poderes da natureza, & nam he, ſenam graça, & bençam do Autor della. E eſta foi a bençam que Deos tam prõptamente lançou ſobre os noſſos Principes: declarandonos, por eſte modo de approuaçam, que confirmaua, & ratificaua deſde o Ceo o que ſe tinha obrado na terra, & em tantas terras. Em Roma ſe preuenio, em França ſe expedio, em Portugal ſe concluyo, & no Ceo ſe confirmou. Aſſiſtindo o Eſpirito diuino em tantas partes, & prouendo com tam vigilante opportunidade em tudo; que bem ſe eſtaua entendendo, & experimentando, que em Portugal diſpunha a noſſa conſolaçam, como Conſolador, & em Roma, & França daua as ſuas liçoens, como Meſtre: *Spiritus Paraclitus ille vos docebit omnia*

Pſalm 19. 5.

Geneſ. 1. 28

Geneſ. 26. 3.

Geneſ. 22. 17.

§. IV.

A Terceira desconsolaçam, que padecia Portugal, era o Gouerno. A enfermidade nam he culpa: & os effeitos da enfermidade sam dor, nam deuem ser escandalo. E porque sei com quanto decoro, & reuerencia se deue fallar nessa mesma dor (já que he forçoso trazela à memoria) será a voz do nosso sentimento huma pintura totalmente muda. Vio o Profeta Ezechiel quatro corpos Enigmaticos, & Hyeroglificos, que tirauam pello carro da gloria de Deos: & em cada hum, ou qualquer delles (porque todos eram semelhantes) se me representa o Gouerno de Portugal naquelle tempo. Là tirauam pello carro da gloria de Deos, cà tirauam tambem pello carro das glorias de Portugal; porque nam se pòde negar, que no mesmo tempo vimos o Reyno carregado de fortunas, & palmas; sendo tam lastimoso o Gouerno para os de dentro nas leys, quanto era glorioso contra os de fora nas armas. *Intus domestica vitia, virtutes forinsecus emicãtes*, disse de semelhãtes tépos Orosio. Formauase aquelle corpo Enigmatico (como o nosso Politico) nam de huma só figura, senam de muitas. Tinha huma parte de humano; porque tinha rosto de Homem: tinha duas partes de entendido; porque tinha rosto de Homem, & rosto de Aguia: tinha tres partes de Rey; porque tinha rosto de Homem, rosto de Aguia, & rosto de Leam: de Leam Rey dos animaes, de Aguia Rey das aues, de Homem Rey de tudo: finalmente tinha quatro partes de Chimera; porque aos tres rostos de Leam, de Aguia, de Homem, se ajuntaua, com a mesma desproporçam, o quarto de Touro. Destes quatro elementos se compunha aquelle mixto: & por estes quatro signos (huns proprios do seu Zodiaco, outros estranhos) se passeaua naquelle tempo o Sol. Quando entraua no signo de Touro, dominaua grosseiramente a Terra: quando passaua ao signo de Aguia, dominaua variamente o Ar: quando se detinha no signo de Homem, dominaua friamente a Agua: quando chegaua ao signo de Leam, dominaua arrebatadamente o Fogo. Assi influhia (ou assi entregaua as influencias) o confuso Planeta, já aparecendo resplandecente, já desaparecendo eclypsado: tendo o Imperio diuidido entre sy a luz com as treuas, a razam com o appetite, a justiça com a violencia, ou, para fallar mais ao certo, a saude com a enfermidade. A parte sã era de Homem, & de Aguia: a parte enferma era de Leam, & de Touro; & quanto se intentaua nas deliberaçoens da parte sã, tanto se desfazia nas perturbaçoens da enferma. O que despunha a benignidade do Homem,

Ezechiel. 1. 6.

Paul. Oros. lib. 2. cap. 4.

mem, deſcompunha a fereza do Leam : o que leuantaua a generoſidade da Aguia, abatia a braueza do Touro. Viſto pella parte sã, prouocaua a adoraçam,& amor: viſto pella parte enferma prouocaua a dor , & comiſeraçam : & como o juizo verdadeiramente eſtaua partido, nam podia o Gouerno eſtar inteiro.

A eſta deſconſolaçam tam laſtimoſa , & tam vniuerſal acodio Deos, como às demais, ſupprindo ſuauemente a enfermidade,& defeito de hum irmam com a perfeiçam, & capacidade do outro. Eleito Moyſes por Deos para ſenhor, & libertador do pouo, eſcuſauaſe que nam podia fallar a Faraò , porque era tartamudo. E que fez Deos neſte caſo? Sendo tam facil a ſua omnipotencia ſarar a Moyſes, & tirarlhe aquelle impedimento, nam quiz, ſenam ſuprillo por meyo de ſeu irmam. *Aaron frater tuus erit Propheta tuus:* Aram voſſo irmam ſerà voſſo interprete, & fallarà em voſſo nome. De maneira que Aram tinha a voz, & Moyſes tinha a vara , & tudo o que mandaua, ou dizia Aram, nam era em ſeu nome , ſenam do de ſeu irmam. Aſſi nem mais, nem menos o fez Deos com noſco : & aſſi o temos no Euangelho. *Sermonem quem audiſtis , non eſt meus , ſed ejus, qui miſit me, Patris.* As palauras, que me ouuiſtes (diz Chriſto) nam ſam minhas, ſenam do Padre, que me mandou; porque eu ſó tenho a voz, elle tem o mando. Como ſe diſſera Chriſto: Neſte gouerno, & Magiſterio do mundo,que exercito,ha duas Peſſoas: huma primeira, & inuiſiuel, que he o Padre ; outra ſegunda , & viſiuel, que ſou eu : Mas tudo o que mando, ou digo, nam o mando, nẽ o digo eu, ſe nam elle; porque fallo em ſeu nome , & nam no meu. Nam foi aſſi a primeira fórma,com que ſe reparou o noſſo gouerno? Aſſi foi. E poſto que vltimamente ſe mudou a voz , nam houue mudança na vara. Na voz mudouſe o nome ; na vara , nam ſe bolio, nem ſe alterou o dominio. De maneira que huma Peſſoa he a que domina, & outra a que gouerna: a que domina, a primeira, a que gouerna, a ſegunda: a primeira inuiſiuel, que ſe nam vè, nem ouue, a ſegunda viſiuel, que a vemos, & ouuimos. Mas niſto meſmo que ouuimos à ſegunda que vemos , reuerenciamos , como em ſua imagem, a primeira, que nam vemos; porque da ſegunda (por ella mais nam querer) he ſó o miniſterio, & da primeira o dominio, da ſegunda he ſó o exercicio, & da primeira o Imperio: *Sed ejus qui miſit me.*

Exod. 4.10 7.2.

Ioan.14.24.

Gen.38.29.

Pharez, & Zaram eram irmãos herdeiros do Setro Real de Iuda: & poſto que a Zaram competia naturalmente a prerogatiua do nacimento; vede como repartiram entre ſy o meſmo Setro, ſem offença da irmandade. Zaram, que era o primeiro , retirouſe, & eſcondeoſe com a purpura, cedendo do lugar: Pharez, que era o ſegũ-

Zaram, hoc eſt Oriens.

Pharez, hoc eſt, Diuiſio.

11-S22

do, ſuccedeolhe ſómente no lugar, mas ſem a purpura. E para que ſe admire prodigioſaméte o Eſpirito ſobre humano deſta liçam, nam he neceſſaria mais proua, que a meſma ponderaçam do que he. Que quizeſſe ſer ſegunda peſſoa, quem podera ſer a primeira! Que quizeſſe ſer Aram com o miniſterio da voz, quem podera ſer Moyſes com o Imperio da vara! Que quizeſſe ſer Pharez ſó com a ſuſtituiçam do lugar, quem podera ſer Zaram com a authoridade da purpura! E que chamado tantas vezes, & por tantos titulos à Coroa, a reſiſtiſſe com tam inuenciuel conſtancia! Sò nos Canticos de Salamam, onde ſe contém a mais alta Filoſofia do Ceo, acho huma alma de ſemelhantes eſpiritos. *Veni ſponſa mea, veni de Libano, veni coronaberis.* Tres vezes foi chamada para a Coroa: *Veni, veni, veni coronaberis,* & ſẽpre reſiſtio firme. Que alma foſſe eſta de generoſidade tam dura, nam ſe ſabe em particular; porque nunca ſe vio ſemelhante reſiſtencia no mundo: & aſſi venho a entender, que he a meſma alma generoſiſſima do noſſo Principe, anteuiſta, & retratada em profecia. E ſenam vejamos o numero das repetiçoens, & dos titulos, porque foi chamado à Coroa. Chamado à Coroa huma vez a titulo da Inhabilidade; *Veni:* chamado à Coroa outra vez a titulo da Renuncia; *Veni*: chamado à Coroa terceira vez a titulo da Eleiçam de todos os eſtados do Reyno; *Veni*. E que rogado, & inſtado tantas vezes, & por tam calificados titulos, nunca quizeſſe inclinar a cabeça à Coroa, nem dar ouuidos a huma voz tam doce, & a huma palaura tam encantadora como he: *Coronaberis?* Mas que hauia de fazer o Eſpelho, ſenam retratarſe pello ſeu exemplar! O primeiro exẽplar deſta tam valente, & generoſa acçam, foi a Rainha noſſa Senhora. Eſtaua de poſſe da Coroa de Portugal: eſtaua reconhecida, & adorada por Rainha: & vendo a ruina occulta, & irreparauel do Reyno; que fez? Reſoluceſe a deixar, & perder a Coroa para que a meſma Coroa ſe nam perdeſſe. A viſta pois de huma reſoluçam de tam eſtranho valor, & generoſidade, que hauia de fazer o mais valeroſo, & mais bizarro Principe, ſenam moſtrar mayor coraçam, que a meſma Coroa, & regeitala tambem? Retratàraõſe reciprocamente ambas as almas, porque Deos de ambas queria fazer huma.

Sò ſe pòde pòr em queſtam, com bem curioſa porfia, qual dos dous galhardos eſpiritos fez mayor acçam neſte caſo? Se a Rainha em deixar a Coroa lograda, ſe o Principe em a engeitar offerecida: ſe hum em largar a poſſe, ſe outro em recuſar a offerta? Fique a queſtam por agora indeciſa: Eu ſó digo igualmente de ambos, que o deixarem, & nam quererem a Coroa. nam foi decer hum degrao, foi ſobir dous. Parece que o nam querer a Coroa, foi decer de Rey a Prin-

Aceita o Principe a adminiſtraçam do Reyno, & não quer aceitar a Coroa.

Cant. 4 8. In 2 ſenſu de ſponſa particulari quæ eſt anima cujuſque fidelis &c. chard Vict. Ghisl. Del Rio, Cornel. Legion. &c

Carleual de Indic. lib. 1 tit 1. diſp. 2 q 2 n.134. Azor. Moral. tom. 2 lib 11 c 5. D Thom 2. 2. q 42 art 2. & 3. Suar contra Angl lib. 3. c. 3 n 3 Valboa de Monarch. Rc 4. 7. 2. n. 16. Valenſ. conſil. 199. 2. Pet. Greg. de Reſ. lib. 26. c. 1. 2. 3. Burgos de Paz in proœm. l. Taur. n. 93. Heriq. tract. de abdic. lib. 1. cap. 12. Navar. in capit. Nouit. dejud. not. 30. n. 29. Molin. de iuſt. tract. 2.

a Principes; & nam foi ſenam ſobir de Principes a mais que Reys. A mais que Reys? Si. Diſſe Chriſto do Bautiſta, que nam ſó era Profeta como os outros, ſenam mais que Profeta: *Etiam dico vobis; & pluſquam Prophetam.* A profecia he huma luz ſobrenatural das couſas, que naturalmente nos ſam occultas: & eſta luz foi cõmum a todos os Prophetas. Logo porque ha de ſer o Bautiſta mais que Profeta? Vede o que lhe offerecèram, & o que reſpondeo. *Propheta es tu? Ait illis, non.* O Bautiſta era Profeta, & nam quiz ſer Profeta: offerecèraõlhe o titulo de Profeta, & nam o quiz aceitar: & quem nam quer ſer Profeta, nem aceitar o titulo de Profeta, he mais que Profeta: *Pluſquam Prophetam.* Nam ha miſter accomodaçam a conſequencia. Quem nam quiz ſer Rainha, he mais que Rainha: quem nam aceitou ſer Rey, he mais que Rey. Os Portuguezes prezamonos de ſer mais que vaſſallos: prezemonos tambem de termos Reys mais que Reys. E eſta he huma boa differença do gouerno paſſado. Entam gouernauanos quem nam era Rey: & agora? quem he mais que Rey.

diſſ. 23. Anton. Maſſ. tract. contra Duel. n. 78. 79. 80.

Matth. 11. 9.

Ainda nam eſtà ponderado o mais fino do caſo. Que Sua Alteza nam quizeſſe aceitar a Coroa, ſeja embora triumfo da ambiçam, ſeja gloria da modeſtia, ſeja fineza da Irmandade. O que admira, & paſma he, que aceitaſſe o trabalho da adminiſtraçam, nam admittindo a authoridade da Coroa. Là no Apologo, ou Parabola de Ioatham a Oliueira, a Vide, & a Figueira nam aceitaram a Coroa, ou Reynado das aruores, que toda a Republica dellas lhe offerecia. E a razam com que ſe eſcuſaram, foi; porque nam queriam deixar o ſeu deſcanſo, nem as ſuas commodidades: *Nunquid deſeram dulcedinem meam, fructuſque ſuauiſſimos, vt inter cætera ligna promouear?* Fallàram como quem carecia de eſpiritos racionaes, & ſe mouia pellos impulſos inſenſiueis do vegetatiuo. Nam hauiam de reſponder aſſi, ſe foram homens, nem ainda ſe foram animaes. Digao entre as feras o Leam, & entre as aues a Aguia. Paſme logo, no noſſo caſo, & admireſe de ſy meſma toda a natureza. Paſme de ver o viuente tam inſenſiuel: paſme de ver o ſenſitiuo tam racional: & paſme de ver o meſmo racional tam ſobre humano. Nam aceitar a Coroa, nam ſe acha no racional, nem no ſenſitiuo: mas nam aceitar a Coroa, & aceitar o pezo, & encargos della; nem no inſenſiuel ſe acha. A Coroa tem duas propriedades oppoſtas, o pezo, & o reſplandor, a obrigaçam, & a Mageſtade. E que hum Principe daquelles annos ſogeite o hombro ao pezo, & à obrigaçam, & nam queira accomo[illegible]oeça ao Reſplandor, & à Mageſtade! Que diremos em hum caſo tam nouo? Digo, com a meſma nouidade, que ſó o noſſo

Iudic. 9.

Prin-

12.522

Principe, entre todos os do mundo, ſoube pòr a Coroa em ſeu lugar. Porque? Porque coroou o hombro, & naõ quiz coroar a cabeça. Proua? ſy.

1. *Reg.* 9. 24. O primeiro Rey que Deos fez foi Saul: Mandou ao Profeta Samuel que o vngiſſe, & a ceremonia do acto foi notauel. Aſſentouſe à meſa Saul, & deu ordem o Profeta que lhe pozeſſem diante o hõbro de huma rez, que naquelle dia tinha ſacrificado. Eſta foi a vnica iguaria: *Leuauit autem Cocus armum, & poſuit ante Saul.* E porque ſe nam duuidaſſe que o prato, & a parte tinham myſterio, acrecentou Samuel, que de induſtria lha mandàra guardar: *Comede quia de induſtria ſeruatum eſt tibi.* Pois ſe o prato era myſterioſo, & aquella parte da rez foi reſeruada para Saul, nam a caſo, ſenam de induſtria; porque lhe reſeruou Samuel o hombro, & nam outra parte, ou de mais regalo por hoſpede, ou de mais propriedade por Rey? Suppoſto que vngia a Saul por Rey, & para cabeça ſuprema daquelle pouo, parece, que a parte da rez, que ſe lhe deuia preſentar, era a cabeça ſacrificada. Pois porque lhe nam poem diante Samuel a cabeça, ſenam o hombro? Porque Saul, como diziamos, era o primeiro Rey, que Deos elegeo, & coroou neſte mundo: & o lugar, & aſſento proprio da Coroa (ſegundo inſtituiçam diuina) nam he a cabeça, he o hombro. A Coroa fela Deos para o pezo, & para o trabalho: os homens abuſando della, fizeraõna para o reſplandor, & para a Mageſtade. A Coroa fela Deos para carregar ſobre o hombro: os homens trocandolhe o lugar, fizeraõna para authoriſar, & adornar a cabeça. Aſſi que aſſentar a Coroa ſobre a cabeça, he pòr a Coroa fóra de ſeu lugar, & ſeguir o eſtylo dos homens: carregar a Coroa ſobre o hombro, he pòr a Coroa em ſeu proprio lugar, & obrar pellos ditames de Deos. Homens eram os que deſejauam que Sua Alteza ſe coroaſſe, & por iſſo lhe queriam pòr a Coroa ſobre a cabeça: Deos foi o que finalmente o coroou, & por iſſo lhe poz a Coroa ſobre o hombro: *Principatus ejus ſuper humerum ejus.* O Principe Deos (cujo he eſte elogio) poz as inſignias Reaes ao hombro: aſſi o hauia de fazer tambem hum Principe de Deos. *Principatus ejus ſuper humerum ejus.* Reparai no titulo, & no lugar. O lugar nam a cabeça, ſenam o hombro: *Super humerum:* o titulo nam de Rey, ſenam de Principe: *Principatus ejus.* Nam Rey com a Coroa na cabeça; ſenam Principe com a Coroa ao hombro. E quem podia infundir huma liçam tam alta, & de tam ſuperior madureza em hum penſamẽto generoſo de tam verdes annos, ſenam aquelle Eſpirito, & virtude do Altiſſimo, que aſſi o enſinou a elle, para aſſi nos conſolar a nós: *Spiritus Paraclitus ille vos docebit omnia.*

Isae. 96.

Cum Armus maximè valeat ad onera ferenda Saul cogitaret se non ad jocum, ad luxum, ad voluptates, ſed ad maxima onera ferenda, atque ſuſtinenda vocari. Auctor Antiq. Conuiuil. lib. 1. *cap.* 33

Tendo

§. V.

TEmos dado as graças (ou moſtrado a materia dellas) pello anno preſente. Reſtaua agora, como promettemos no principio, pedir graça para os annos futuros; mas o cumprimento da primeira promeſſa foi tambem ſatisfaçam da ſegunda. O melhor modo de pedir, he agradecer. Aſſi como o ingrato ſó pella ingratidam perde o beneficio paſſado, aſſi o agradecido ſó pello agradecimento ſolicita, & alcança o futuro. Chriſto para nos enſinar a pedir, daua graças: & Deos (como diz S. Ioam) dà huma graça por outra. Pellas graças que lhe damos, dànos as graças que lhe pedimos. Mas nam eſpera Deos neſtes caſos noua petiçam; porque (como bem diſſe Theodoto Biſpo no concilio Efeſino) o meſmo agradecer para cõ Deos he pedir, & o agradecimento das mercès, ou graças paſſadas, he o memorial das futuras.

Matth. 14. 19 Maldon. ibi.

Ioan. 6. 11. Ioan. 1. 16. Vide Theod. Ep. in Homil. habita in Conc. Epheſ. tom. 6 c. 13.

A graça, que eu determinaua pedir para os annos, que de hoje em diante começam, he que foſſem tambem Annos de Deos Conſolador, & Annos de Deos Meſtre. De Deos Conſolador; conſeruandonos as felicidades preſentes: de Deos Meſtre; enſinandonos para as difficuldades futuras: *Spiritus Paraclitus ille vos docebit omnia.* E para que a armonia deſta ſegunda parte, correſpõdeſſe com a meſma proporçam à primeira; aſſi como dei graças por tres couſas, aſſi trataua de pedir graça para outras tres: huma por parte dos vaſſallos, duas por conta dos Principes. Mas porque o tempo falta antes jà me reprehende, apontarei ſómente as graças, que queria pedir, & as palauras, com que o Euangelho nos formaua as petiçoens.

§. VI.

A Graça primeira que peço, ou queria pedir ao Eſpirito Santo por parte dos vaſſallos, he que o amor com que amamos aos noſſos Principes, tenha effeitos de amor. O primeiro, & primario effeito do amor he a Vniam. Se alguem me ama (diz Chriſto no principio do Euangelho) guardarà o meu preceito: *Si quis diligit me ſermonem meum ſeruabit*: E quẽ me nam ama (continua o meſmo Senhor) nam guarda os meus preceitos: *Qui non diligit me, ſermones meos non ſeruat.* Nam ſei ſe reparaſtes na differença? Na primeira clauſula diſſe, o meu preceito, & na ſegunda, os meos preceitos. A ſua ley, de que Chriſto fallaua, he a meſma para os que a guardam, [illegible] os que a nam guardam: pois porque lhe chama na primeira

Ioan. 14. 23.

13-522

clauſula hũ preceito: *Sermonem meum ſeruabit*: & na ſegunda clauſula muitos preceitos: *Sermones meos non ſeruat*? No meſmo Texto eſtà clara, & declarada a razam. Na primeira clauſula fallaua Chriſto dos que amam: *Si quis diligit*: Na ſegunda clauſula fallaua dos que nam amam: *Qui non diligit*: E eſta he a differença que ha entre o amor, & o deſamor. O deſamor como tem por effeito diuidir, de hum preceito faz muitos preceitos: *Qui non diligit ſermones meos nõ ſeruat*: o amor como tem por effeito vnir, de muitos preceitos faz hum ſó preceito: *Qui diligit ſermonem meum ſeruabit*. Eſte effeito vnitiuo do amor, he, Conſolador diuino, a graça que eu vos peço para huns vaſſallos que tanto amam a ſeus Principes. Que aſſi como o amor de muitos preceitos faz hum ſó preceito; aſſi faça de muitos pareceres hum ſó parecer, de muitos juizos hum ſó juizo, de muitas vontades huma ſo vontade, & ſobre tudo, & em tudo, de muitos intereſſes hum ſó intereſſe.

Ioan. n. 28.

E que intereſſe ha de ſer eſte? A conueniencia do Principe. O amor que tem outro intereſſe mais que a conueniencia do Principe, nam he amor do Principe. Fazer competencia de quem mais o ha de aſſiſtir, & cuidar que mais o ama quem mais o aſſiſte, he cegueira (naõ digo de enganoſo) mas de enganado amor. Nam quẽ mais logra a preſença do Principe, ſenam quem mais eſtima ſua conueniencia, he o que mais, ou o que ſó, o ama. Eſtauam triſtes os Apoſtolos pella partida de Chriſto, & diſſelhes o Senhor (he o noſſo Euangelho) *Si diligeretis me, gauderetis vtique quia ad Patrem vado*: Se me amareis verdadeiramente, diſcipolos, & companheiros meos, he certo que hauieis de eſtar, nam triſtes, ſenam muito alegres neſta minha partida. Pois, Senhor meu, a triſteza pella auſencia nam he amor? Noutras occaſioens ſi, neſte caſo nam. O partirme, & auſentarme da terra, he grande conueniencia minha; porque vou tomar inteira poſſe do meu Reyno, & aſſentarme no trono de minha gloria à dextra do Padre: & quem ama mais a minha preſença, que a minha conueniencia, nam me ama fina, & fielmente. Todos amam à porfia a preſença, & aſſiſtencia do Principe; nam ſei ſe porfiamos tanto por ſuas conueniencias? ſe he amor, nam cheguem a ſer ciumes.

Deſenganeſe, Cortezaõs, o voſſo cuidado, que nam conſiſte o amor, & graça do Principe em vòs morardes com elle, ſenam em elle morar em vòs. He Texto expreſſo do meſmo noſſo Euangelho. *Si quis diligit me, diligetur à Patre meo, & ad eum veniemus, & manſionem apud eum faciemus*: Quer dizer: quem me ama, eſtà na minha graça, & quem eſtà na minha graça, moro eu nelle. De maneira,

neira, que o effeito, & a proua da graça nam conſiſte em vòs morardes com elle, ſenam em elle morar em vòs. Inferi agora. Se pella voſſa aſſiſtencia morais vòs com o Principe, & pella ſua graça mora o Principe em vòs; nam he mayor fauor, & mais de dentro, elle em vòs, que vòs cõ elle? Se morais cõ elle, entrais mais; mas ſe elle mora em vòs, eſtais mais entrado. Senhores, jà que o noſſo amor he racional, queiramos o poſſiuel. Aſſiſtir todos ao Principe, morar todos cõ o Principe, nam pòde ſer: amar o Principe a todos, & morar o Principe em todos, iſto he o que pòde ſer, & iſto he o que he. Contentemonos com eſte modo de amor, contentemonos com eſte modo de graça (ainda que ſeja menos viſiuel) & eſtaremos contentes todos. Eſtimar a graça pello viſiuel, & querer que todos vejam, que ſois bem viſto, he oſtentaçam, nam he amor. O amor tem a ſatisfaçam no coraçam proprio, & nam nos olhos alheos. O preço da graça eſtà no agrado dos olhos ſoberanos, & nam na admiraçam dos vulgares. Deſmerece ſer bem viſto, quem quer a graça pera ſer olhado. Por iſſo Deos fez inuiſiuel a ſua. A liçam he muito alta, & muito fina; mas eſtas ſam as que enſina o Eſpirito Santo: *Ille vos docebit omnia.* *Ioan 14.23.*

§. VII.

A Graça, que queria pedir ao meſmo Diuino Eſpirito por parte do Principe, que Deos nos guarde, nam he graça noua, ſenam antiga, & ſua. Dous eſpelhos tem Sua Alteza em que ſe ver; hum defunto, outro viuo, ambos ſepultados. Deſde muy tenros annos tomou o ſempre grande Principe por timbre, & empreza de ſuas acçoens retratalas todas pellas de ſeu glorioſo Pay, o noſſo inuictiſſimo libertador, El-Rey Dom Ioam o Quarto de immortal memoria. A continuaçam, & exercicio deſte tam nobre penſamento, he a graça que ſó peço, & nella muitas. O vltimo filho, o filho mais amado, o Benjamim del-Rey Dom Ioam foi o ſeu Infante D. Pedro. E porque Sua Alteza com nenhuma outra demonſtraçam pòde pagar melhor eſte amor, quer imitar ſeus exemplos. As vltimas palauras do noſſo Euangelho, ſam o memorial expreſſo deſta reſoluçam. *Vt ſciatis quia diligo Patrem*: para que ſaibais quanto amo a meu Pay, & ſenhor; olhai para o corpo, & alma da minha empreza. O corpo he hum liuro aberto das acçoens de El Rey Dom Ioam: a alma he eſta letra: *Sicut mandatum dedit mihi Pater, ſic facio.*

Neſte liuro, neſte exemplar, neſte eſpelho, ſenhor; eſtudarà, imi-

14.522.

tarà, & verà Voſſa Alteza (como tem deliberado) todas as acçoẽs generoſas, todos os attributos Reaes, & todas as virtudes heroicas de hum Principe Chriſtam perfeito. Para com Deos, a Religiam, a piedade, o zelo: para conſigo, a temperança, a modeſtia, a ſobriedade: para com os ſubditos, a prudencia, a juſtiça, a clemencia: para com os eſtranhos, a vigilancia, a fortaleza, a verdade. Verà V. A. hum valeroſiſſimo Rey cercado ſempre dos mayores perigos, mas nelles acautellado igualmente, & confiado: na confiança com recato, na cautella ſem temor, no perigo com magnanimidade. Moderado; mas a moderaçam com decencia: affauel; mas a affabilidade com reſpeito: liberal; mas a liberalidade com medida. A Mageſtade ſem affectaçam, o ſenhorio ſem faſto, o mando ſem dependencia. Verà V. A. hum coraçam alto, talhado para grandioſas emprezas, mas circunſpecto, & prudente: prudente; porque aconſelhado: & bem aconſelhado; porque com os melhores. Pacifico por inclinaçam, bellicoſo por neceſſidade, vitorioſo cõtra ſeus inimigos ſempre; porque ſempre referio a Deos as vitorias. Bem afortunado em tudo, mas nunca altiuo; porque ſendo tam grande a ſua fortuna, era mayor o ſeu peito. Obſeruantiſſimo em recatar os ſegredos proprios: fideliſſimo em guardar os alheos: & em ſaber, & penetrar os eſtranhos, vigilantiſſimo. Cuidaua de noite, o que hauia de executar de dia; & porque media os penſamentos com o poder, ſempre as ſuas ideas chegauam a ſer obras. Incanſauel no trabalho, ſe bem com ſuas horas, & interuallos de aliuio; mas o trabalho, como tarefa da obrigaçam, o aliuio, como reſpiraçam do trabalho. Sabia reynar; porque ſabia diſſimular: & reynou; porque nam diſſimulou. Prezauaſe ſó da juſtiça, affectaua o nome de juſticeiro, & era juſto. Para os criminoſos ſeuero, para os pleiteantes igual, para os miniſtros ſenhor, para os vaſſallos pay, & para todos Rey.

Eſte he o exemplar, que V. A. ſenhor, tem propoſto a ſuas Reaes
3. *Reg.* 12. 8. acçoens, para que ellas ſejam tam ſingulares, como elle glorioſo. E
3 *Reg.* 11. 10. ſe V. A. a caſo apartar os olhos deſte primeiro eſpelho; ſeja ſó para
Ican. 4. 28 os pòr no ſegundo. Perdeoſe laſtimoſamente ElRey Roboam, & do Reyno inteiro das doze Tribus, que tinha herdado, apenas deixou duas a ſeus deſcendentes. Mas porque? Sò porque nam quiz ſeguir os conſelhos, & Conſelheiros de ſeu pay, ſendo ſeu pay Salamam. He verdade, que ſe comparou no ſeu penſamento com elle; mas nam para o imitar, ou ſe lhe fazer iguàl, ſenam para cuidar
Athan ſerm. cõtra Arian Hylarius lib. 9. de Trinit. Nazian o-rat. 4. de vãmente, que era mayor: *Minimus digitus meus groſſior eſt dorſo Patris mei.* O que differente liçam nos leo hoje no Euãgelho Chriſto! *Quia Pater maior me eſt:* Meu Pay (diz Chriſto) he mayor qu-

eu. Chriſto comparado com o Pay, em quanto homem, he menor, em quanto Deos he igual: & com tudo Santo Athanaſio, S. Gregorio Nazianzeno, S. Hilario, S. Cyrillo, S. Ioam Chryſoſtomo, Leõtio, Theophilato, Euthimio, & outros grandes Padres querem que fallaſſe Chriſto neſte Texto, quanto à diuindade. Pois ſe Chriſto quanto à diuindade he igual ao Pay; como diz, ou como pòde dizer que o Pay he mayor? Porque he pay: *Quia pater*. O reſpeito nam encontra a verdade, nem a cortezia a fé. O Filho he Imagem do Pay: o Pay he exemplar do Filho: & a eſta prioridade original chamou o Filho mayoria; porque he mayoria entre os homens, ainda que em Deos ſeja igualdade. Eſta igualdade verdadeira, & eſta mayoria reſpeitoſa entre Pay, & Filho, he a graça, em que todos deſejamos cõfirmado o noſſo grãde Principe. Que o Pay na eſtimaçam do Filho lhe ſeja ſempre mayor, & que o Filho na experiencia dos vaſſallos lhe ſeja ſempre igual. Que retrate naquelle Eſpelho as Reaes acçoẽs, que imite naquelle exemplar as virtudes heroicas, que eſtude naquelle liuro aberto as liçoens, que ſó a ſabedoria do Diuino Eſpirito lhe pòde enſinar: *Ille vos docebit omnia.*

Theol Cyrillus lib 2. Theſaur. cap. 1. Leõtius Chryſoſt. Theophilat Euthimius hic. Clem Roman. Epiſt. 1. Clem. Alex. ad Ortodox. Baſil 2. contra Eunom. Athanaſ. de Decret Nican. Synod. Nazian. eadem orat. 4. Iauſen. Cornel. Maldon. ibi.

§. VIII.

A Terceira, & vltima graça que eu finalmente quizera pedir por parte da Rainha noſſa Senhora, he, que pois o meſmo Diuino Eſpirito dotou a Sua Mageſtade de tantas, & tam excellentes graças, nos dè graça para que nos ſaibamos aproueitar dellas. Aſſi ſe aproueitaua Abraham dos conſelhos de Sara; aſſi Nabal da prudencia de Abigail; aſſi Dauid da induſtria de Michol; & aſſi El-Rey Aſſuero do valor, & ſabedoria da Rainha Eſther. Para eſta vltima peticçam reſeruei duas palauras, que ſo nos reſtam por ponderar em todo o Euangelho. *Et ſuggeret vobis omnia, quæcunque dixero vobis.* Nas duas clauſulas desta ſentença diſtingue Chriſto dous officios, hum ſeu, outro do Eſpirito Santo. O primeiro he mandar, o ſegundo he ſuggerir. Ninguem pòde mandar ſó, ſe ouuer de mãdar como conuẽ. Ao lado do officio demãdar, deue andar ſempre o officio de ſuggerir, ou como cõpanheiro, ou como inſtrumẽto inſeparauel. A obrigaçó, & exercicio deſte ſegũdo, & taõ importãte officio he o que ſignifica a meſma palaura, ſuggerir, que vẽ a ſer: lẽbrar, aduertir, inſpirar, acõſelhar, cõferir, perſuadir, eſpertar, inſtar. Os talẽtos, que para o meſmo officio ſe requerẽ, ſam mayores, & mais reſtuãtes: grande entendimẽto, grande comprehenſaõ, grande juizo, grande conſelho, grande zelo, grande fidelidade, grande vigilancia, grã-

Geneſ. 21. 12. 1. Reg. 25. 18. 1. Reg. 19. 13. Eſther. 4. 11. Ioan. 14. 26.

15-522

de cuidado, grande valor. As diſpoſiçoens, & os meyos com que ſe exercita, ainda ſam de mais altas, & mais interiores prerogatiuas: Summa cõmunicaçam, ſumma confiança; intima amizade, intima familiaridade, intimo amor; & nam ſo perfeita vniam, ſenam ainda vnidade. De ſorte que os dous ſogeitos, em que concorrerem eſtes dous officios, de tal maneira ham de ſer dous, que verdadeiramente ſejam hum: de tal maneira haõ de ſer diuerſos, que verdadeiramente ſejam o meſmo. Haſe de multiplicar nelles o numero, mas nam ſe ha de diuidir a vnidade. He o que temos no meſmo exemplo diuino do Euangelho. O filho a quem pertence o officio de mandar, & o Eſpirito Santo, a quem pertence o officio de ſuggerir, quantos ſaõ? Conſiderados quanto às peſſoas, ſaõ dous; conſiderados quanto à eſſencia, ſam hum: conſiderados quanto às peſſoas, ſaõ diuerſos; conſiderados quanto à eſſencia, ſam o meſmo. E tal ha de ſer neceſſariamente, quem tiuer o officio de ſuggerir, em reſpeito de quem tem o de mandar

Mas dirmeha alguem: que iſto ſó o pòde hauer nas Peſſoas Diuinas, mas nam em ſogeitos humanos? Si pòde. Tambem ha ſogeitos humanos, que ſendo diuerſos, ſam o meſmo; & ſendo dous, ſam hũ ſó. E que ſogeitos ſaõ eſtes? Os dous, de que fallo ſem os nomear. O Eſpoſo, & a Eſpoſa. O meſmo Deos, que os formou, o diſſe: *Erũt duo in carne vna.* Notauel foi a ordem, & artificio, com que o Supremo Autor da natureza ſe houue na criaçam dos dous primeiros homens. No principio criou hum ſó: logo de hum formou dous: vltimamente de dous tornou a fazer hum. Ao principio criou hum ſó, que foi Adam: *Formauit Deus hominem*: Logo de hum formou dous; porque de Adam fez o homem, & a molher: *Maſculum, & fœminam fecit eos*: vltimamente de dous tornou a fazer hum; porque o homem, & a molher, vnidos pello Matrimonio, ficam ſendo huma couſa: *Erunt duo in carne vna.* He aduertencia tudo de S. Cypriano: *Duo, inquit, erunt in carne vna, vt in vnum redeat, quod vnum fuerat.* E como o Eſpoſo, & a Eſpoſa, pella virtude natural daquelle vinculo diuino, ſendo dous, ſam verdadeiramente hum; & ſendo diuerſos, ſam propriamente o meſmo; ſó o Eſpoſo, & a Eſpoſa (juntamente) pòdem exercer os dous officios de mandar, & de ſuggerir: & ſó a Eſpoſa (diuiſamente) o de ſuggerir, ſem o de mandar.

Geneſ. 2. 7.
Geneſ. 1. 27
Geneſ. 2. 25.
Cyprian. de Bono Pudicitiæ.

Perguntarſemeha porèm, & com muito fundamento: porque razam he neceſſaria eſta mutua vniam, & identidade; & que os dous que exercitam os officios de mandar, & ſuggerir, ſejam a meſma couſa? Digo, que he neceſſario ſerem ambos a meſma couſa, porque ſó os que ſam a meſma couſa, tem o meſmo fim, & os meſmos intereſſes.

reſſes. Onde ha differença de peſſoas, ha differença, & diſtinçam de bens: onde ha differença, & diſtinçam de bens, ha tambem differentes fins, & differentes intereſſes:& eſtes ſam os que perturbam a luz, & corrompem a pureza dos verdadeiros conſelhos. Neceſſario he logo,que o que tem o officio de ſuggerir, ſeja a meſma couſa com quem tẽ o officio de mandar: para que tendo os meſmos intereſſes, & o meſmo fim; nem haja outro fim, que lhe diuirta o entendimento, nem outro intereſſe, que lhe ſuborne a vontade. Mas eſta vontade ſem ſuborno, & eſte entendimento ſem diuerſam, ſó o pòde achar o Principe ſeguramente na Eſpoſa, & nam no vaſſallo. O fim, & o intereſſe do Principe he o commum, o fim, & o intereſſe do vaſſallo, he o particular: & ſendo os fins,& os intereſſes do Principe, & do vaſſallo tam diuerſos, ſó o do Principe, & da Eſpoſa, he o meſmo. Poſſiuel he, ſenhor, hauer vaſſallo tam fiel, tam amigo, & tam generoſo, que o fim do Principe ſeja o ſeu fim, & os intereſſes do Principe, os ſeus intereſſes; mas iſto que no vaſſallo he contingente, na Eſpoſa he neceſſario: iſto que no vaſſallo he ſempre duuidoſo, na Eſpoſa he ſempre certo: iſto que no vaſſallo he ſobrenatural, na Eſpoſa he natureza. Porque entre o Principe, & o vaſſallo ha differença de peſſoa a peſſoa, & diſtinçam de bens a bens: entre o Eſpoſo, & a Eſpoſa nam ha diſtinçam de bens a bens, nem de peſſoa a peſſoa. A razam, & o diſcurſo tudo temos em hum ſó lugar.

Perguntou a Eſpoſa dos Cantares ao ſeu Eſpoſo, onde paſſaua, ou deſcançaua a feſta,para que o podeſſe buſcar naquella hora ſem errar o caminho: *Indica mihi vbi paſcas,vbi cubes in meridie, ne vagari incipiam?* E reſpõdeo o Eſpoſo: *Si ignoras te abi poſt veſtigia gregum tuorum:* Se nam ſabes de ti, ſigue as piſadas do teu rebanho. *Cantic. 1.6.* Notauel repoſta, & totalmente encontrada! O que o Eſpoſo hauia de reſponder, era: Se nam ſabes de mim, ſigue as piſadas do meu rebanho; porque pellas piſadas do rebanho ſe vai logo dar com o paſtor. Pois ſe hauia de dizer: Se nam ſabes de mim; porque diz, ſe nam ſabes de ti? E ſe hauia de dizer: o meu rebanho; porque diz o teu rebanho? Porque iſſo he ſerem Eſpoſos. Entre Eſpoſo, & Eſpoſa, como nam ha differença de peſſoas; Eu quer dizer Tu, & Tu quer dizer Eu: E como nam ha diſtinçam de bens; Meu quer dizer Teu, & Teu quer dizer Meu. Por iſſo o Eſpoſo(ſem equiuocaçam, nem impropriedade)hauendo de dizer: Se nam ſabes de mim; diſſe: ſe nam ſabes de ti: *Si ignoras te*: & hauendo de dizer: ſigue o meu rebanho; diſſe: ſigue o teu rebanho: *Abi poſt veſtigia gregum tuorum.* E deſta meſma vnidade, ou vniam de peſſoas, & bens,ſe ſeguia

16 522

guia manifeſtamente, que a Eſpoſa nam podia errar o caminho para o Eſpoſo; porque aonde nam ha differença de mim a ti, nem de meu a teu, logo ſe acerta o caminho. Quando as peſſoas ſam diuerſas, & os rebanhos diuerſos; os intereſſes, os fins, & os caminhos tambem ſam diuerſos: & na diuerſidade de caminhos pòdeſe errar. Porèm quando a peſſoa he huma, & o rebanho hum; o intereſſe, o fim, & o caminho tambem he hum: & onde o caminho he hum ſó, nam pòde hauer erro.

Mas depois de acertados verdadeiramente os caminhos, & conhecidos com toda a conueniencia os meyos, que ſe ham de ſuggerir; ainda he neceſſaria a confiança, a cõmunicaçam, a authoridade: & tal vez huma reſoluçam, valor, & conſtancia grande, para ſe hauerem de ſuggerir. E tudo iſto nam pòde concorrer no vaſſallo, por mayor, & mais calificado que ſeja, nem ſe pòde achar nelle, como conuem, ſenam ſó na Eſpoſa. Pedio Ioſeph ao Copeiro mòr de Faraò quizeſſe ſuggerir ao Rey a ſua innocencia, & a ſua miſeria: *Vt facias mecum miſericordiam, & ſuggeras Pharaoni*: Mas o Copeiro, ſendo tam obrigado a Ioſeph, nam ſuggerio. Todos o accuſam de ingrato, & eſquecido: eu nam creo que foi ſó falta de memoria, né de agradecimento, ſenam de confiança, & de poder. Iſto de ſuggerir a Faraò, requere mayor confiança, & mayor authoridade, que a de miniſtrar de joelhos huma copa dourada. Aman, que era aquelle grande Valido, & primeiro Miniſtraço de ElRey Aſſuero, he verdade que tinha a confiança, & as entradas para ſuggerir: *Intrauerat, vt ſuggereret Regi*; mas a roda de ſua fortuna no dia deſtas meſmas entradas, & a tragedia de ſua mal acabada priuança; antes deixou exemplo de temores, que de ambiçoens ao officio. Entrou a ſuggerir, ſahio a morrer.

Geneſ. 40. 14

Eſther 6. 4.

Notemos porém, no meſmo caſo, a differença, com que ſuggerio Eſther Rainha, & Eſpoſa. Tinha alcançado Aman, por odio de Mardocheo Iſraelita, hum decreto vniuerſal delRey Aſſuero, para que todos os daquella naçam em qualquer parte de ſua Monarchia que foſſem achados, ſem exceiçam de ſexo, nem de idade, morreſſem à eſpada. O decreto eſtaua firmado com o annel, & ſello Real, as prouiſoens eſtauam paſſadas em diuerſas lingoas, a todas as cento & dezaſete Prouincias, qu Aſſuero dominaua: ſó ſe eſperaua com irremediauel triſteza o dia da tremenda execuçam; porque em toda a parte ſe hauia de executar em hum dia. O valhame Deos! Em tanto aperto, em tanta deſeſperaçam, nam haueria quem valeſſe à innocencia, quem appellaſſe da injuſtiça, quem alumiaſſe a cegueira do Rey, quem ſe oppuzeſſe à ira, & vingança do priuado, quem pro-

Eſther 3. 13.

prouaſſe ſua tyrania, quem deſcobriſſe ſeus enganos? Antes eſtauam tam fechadas as portas a toda a luz, & remedio, que ſobre a crueldade do primeiro decreto, ſe tinha publicado, com outro mais cruel, que ninguem podeſſe fallar ao Rey, nem entrar a ſua preſença, ſopena da vida. No meyo porèm de todo eſte apparato de horrores, & por meyo de todos elles, ſem reparar na ſeueridade dos Reys Aſſyrios, nem no eſtylo inexorauel de ſuas cominaçoens; entra com tudo animoſamẽte Eſther, & apparece diante de Aſſuero. Propoemlhe o odio, & vingança de Aman, & as ſoberbas cauſas della: eſtranha o decreto, affea a injuſtiça, pondera a impiedade: & reduzido ſem reſiſtencia o Rey, pella manifeſta informaçam, & conhecimento da cauſa; reuogaſe o decreto, annullaõſe as prouiſoens, ſuſpendeſe a execuçam, mudaſe a ſentença, depoemſe do officio & authoridade Aman, tiraſelhe no meſmo dia a vida, a fazenda, a hõra, de que era tam indigno: juſtificaſe o Rey, dàſe ſatisfaçam à Monarchia, emmendaſe para com Deos a conciencia, reſtauraſe para com o mundo a fama. Eſtà bem feito tudo iſto? Ninguem o pòde negar. Mas quem ſe atreueria a ſuggerir a hum Rey poteniſſimo, ſeueriſſimo, & deliberado, huma informaçam (poſto que juſta) tam contraria à Mageſtade de ſeus decretos; & (o que he mais) à vontade, à paixam, & aos intereſſes do ſeu grande valido, mais reſpeitado em toda a Monarchia, & mais temido, que o meſmo Rey; ſenam foſſe vnicamente Eſther, pella authoridade de Rainha, & pella confiança de Eſpoſa?

Quantas vezes ſerà importante, & neceſſario em hum Reyno ſanear a ruim informaçam, dar nouos olhos à ſentença injuſta, acodir ao decreto pernicioſo, atalhar a ruina publica, ou particular, depor o Miniſtro grande, & pòr em grandes lugares ao que nam he Miniſtro, moderar a ira do Rey, ter maõ na ſua conſtancia, deſenganarlhe o affecto (que tantas vezes ſe cega,) impugnarlhe o parecer, & ainda contrariarlhe deſcubertamente a vontade! E quem ha que tenha a confiança, & authoridade, nem poſſa ter o valor, & reſoluçam neceſſaria para ſuggerir as razoens de tudo iſto, opportuna, & efficazmente, ſenam Eſther? Quem, ſenam vnicamente aquelle Eſpirito, que he ametade da alma do meſmo Principe, cuja conſeruaçam, cujo aumento, cujo intereſſe, fama, Coroa, gloria nam ſó he commum de ambos, ſenam a meſma!

O ditoſo Principe, & tres, & quatro vezes bamauenturado (que aſſi lhe chama a boca chea o Eſpirito Santo) aquelle, que nam por teſtemunho incerto da opiniam, ou informaçam ſoſpeitoſa da liſonja, ſenam por experiencias preſentes, & tam prouadas, logra a felicida- *Eccleſ. 26. 1.*

Geneſ. de de tal companhia! Contente Adam da que Deos lhe tinha dado, & julgando que formada de huma parte tam dura do homem, como os oſſos, nam podia deixar de ſer muito ſemelhante a elle na fortaleza, & no valor; pozlhe por nome Virágo, dizendo, que aſſi ſe hauia de chamar dalli por diante: *Vocabitur Virago, quoniam de viro ſumpta eſt.* E com tudo nem o meſmo Adam, nem algum de ſeus deſcendentes chamou nunca tal nome a Eua. E porque razam perdeo Eua o elogio de tam honrado nome? Porque lho poz Adam ſem exame, nem teſtemunho da experiencia: & na primeira occaſiam que ſe offereceo, vio que nam tinha nada de varonil, & que era indigna do nome de Virágo. Quem nam teue valor para reſiſtir a huma cobra, nem peito para rebater hũa maçã (vede que bala) porque ſe hauia de chamar Virago? Vagou a dignidade, ou a valétia do nome deſde aquelle tépo: & poſto que ſe oppuzeram a elle com grandes actos, primeiro Iael, & Debora, & depois Iudith; ficou em fim reſeruado para Maria: nam Maria a irmaã do primeiro Moyſes, ſenam Maria a Eſpoſa do ſegundo Pedro. Elle foi ſem duuida aquelle venturoſo (nam
Prou. 31 10. nomeado) de quem perguntaua Salamam: *Mulierem fortem quis inveniet?* Quem ſerà o venturoſo a quem cairà em ſorte a molher valeroſa? E dando logo os ſinaes para que ſe conheceſſe quem era, quam precioſa, & donde hauia de vir; acrecenta: *Procul, & de ultimis finibus pretium ejus:* Que nam havia de ſer do Reyno proprio, né dos vezinhos, mas que hauia de vir de alem dos fins da terra. O Texto nam nomea França; mas França, a reſpeito de nòs, he a que eſtà alé dos fins da terra: & de França, paſſando o cabo dos fins da terra, he que veyo aportar felizmente ao Tejo a herdeira valeroſa do nome de Virágo.

Mas que ha de fazer o vẽturoſo Eſpoſo depois de lhe caber em ſorte tam generoſa companhia? O meſmo Salamam o diz, fechando a ſua ſentença. *Confidit in ea cor viri ſui, & ſpolijs non indigebit*: Porà nella o Eſpoſo toda a canfiança do ſeu coraçam: & o que conſeguirà por meyo deſta confiança, he que lhe ſobejaràm deſpojos. Parece que nam prometiam tanta conſequencia as premiſſas: mas tanto importa fiar de quem ſó ſe nam pòde deſconfiar. Os deſpojos que o Texto promete por effeito deſta confiança, ou pòdem ſer da guerra, ou tambem da paz: *Et ſpolijs non indigebit*: Se ſam da paz; nam terà neceſſidade de deſpojos, porque nam terà guerra: Se ſam da guerra; nam terà neceſſidade de deſpojos, porque terà vitoria. Vitoria contra os inimigos de fóra, & paz com os inimigos, & com os amigos de dentro, que às vezes ſam os mais bellicoſos. Eſtes ſam os deſpojos, que promete o diuino Oraculo ao Eſpoſo da molher valeroſa, ſe puzer

nella

nella a confiança do ſeu coraçam: valendo muito mais o ſeguro, que lhe dà da confiança, que a promeſſa, que lhe faz dos deſpojos.

Nam ha ponto mais difficultoſo a hum Principe, que ſaber de quẽ ſe ha de fiar. Se ſe fia de todos, perdeſe de contado: ſe ſe nam fia de ninguem, tambem vay perdido: ſe ſe fia de quem nam deue fiarſe, jà ſe perdeo: ſe ſe nam fia de quem ſe deue fiar, vltima perdiçaõ. Pois que remedio neſta perplexidade? que ſeguro em tantas ondas, ou ſyrtes de deſconfianças? Fiarſe de quem o Eſpirito Santo diz, que ſe fie: *Confidit in ea cor viri ſui.* O Eſpoſo fieſe da Eſpoſa. E nam baſtarà, ou nam ſerà melhor fiarſe ſó de ſi? Nam ſerà eſta a mais certa, & a mais ſegura confiança? Nam. Fiarſe ſó de ſi, & aconſelharſe ſó cõſigo, tem o perigo do amor proprio: fiarſe ſó de outro, & aconſelharſe ſó com outro, tem o riſco do intereſſe alheo. Haja logo hum Tribunal ſupremo, & hum Conſelho intimo, & ſecreto, que compõdoſe de dous, ſeja juntamente hum, & formandoſe de diuerſos, ſeja juntamente o meſmo: para que neſta reciproca differença, ſe ſegurem os perigos da primeira deſconfiança, & neſta reciproca identidade os riſcos da ſegunda. O perigo da deſconfiança de ſi, ſeguraſe na differença; porque ſou eu, & mais outro: o riſco da deſconfiança de outro, ſeguraſe na identidade; porque eſſe outro ſou eu. Eu, como eu, poſſo cegarme: pois ſeja eu juntamente outro, para que me guie. Outro, como outro, pòde deſencaminharme: pois eſſe outro ſeja jũtamente eu, para que me nam engane. E ſobre eſtes ſeguros de tam intima, & indubitauel confiança, diz o Rey mais ſábio de todos os homens, que o coraçam do Eſpoſo, ſe fie da Eſpoſa: *Confidit in ea cor viri ſui.* Se o Principe ſe fia do vaſſalo, fiaſe hum coraçam de outro coraçam: ſe o Eſpoſo ſe fia da Eſpoſa, fiaſe hũ coraçam, nam de outro, ſenam de ſi meſmo. E de quem mais ſeguramente ſe deue fiar huma ametade do coraçam, que da outra ametade ſua? Sua ſem ſer ſó, porque he outra; outra tem ſer alhea, porque he ſua; & ſua sẽ ſer diuerſa, porque he a meſma. *Fecit Deus, vt ſit Homo, vnus duo, duo vnus, alter ipſe:* diſſe com reſumida elegancia S. Pedro Chryſologo. Para o conſelho ſam dous; *duo*: para o ſegredo ſam hum; *vnus*: para o deſintereſſe ſam outro; *alter*: para o amor ſam o meſmo; *ipſe:* & para a cõfiança ſam tudo: *Confidit in ea cor viri ſui.* Aſſi o enſinou o Eſpirito Santo, por boca de Salamam, ha tantos annos, & aſſi peço eu por vltima felicidade dos annos que vem, ſe ſirua de nolo enſinar o meſmo Eſpirito: *Spiritus Paraclitus ille vos docebit omnia.*

Petr. Chryſol. ſerm.

§. IX.

ESpirito Conſolador, & Meſtre diuino: infinitas graças vos damos, & vos ſejam eternamente dadas, pello que nos conſolou voſſa

voſſa Bondade, & pello que nos enſinou voſſa Sabedoria neſte anno: anno tam trabalhoſo, & arriſcado nos principios, & tam venturoſo em ſeus progreſſos athè o fim. Com a paz, verdadeiramente voſſa, nos conſolaſtes o temor, & affliçam da guerra: com a eſperãça tam prompta da Real deſcendencia, nos conſolaſtes a antiga deſconfiança da ſucceſſam: com o gouerno preſente de Principe ſoberano, juſto, & por ſi meſmo, nos conſolaſtes as deſatençoens, & ſogeiçoens do paſſado. Por eſtas graças, que vos damos, & por eſtes meſmos beneficios tam ſingulares de vòs recebidos, nos concedei, Senhor, as que para os annos futuros, com igual confiança em voſſa diuina Bondade, & Sabedoria, humildemente vos pedimos. He hoje o dia, que entre todos os do anno, ſe leuanta vulgarmente com o nome de mayor, por chegar nelle o Sol a ſeu auge, & encher o mais dilatado gyro de ſua carreira. Amenhã começam outra vez a deſcrecer os dias, com pregaõ de publico deſengano a todas as couſas do mundo (ainda as que eſtam acima das ſublunares) que nenhuma ha tam firme, que nam ſe mude, nenhuma tam leuantada que nam ſe abata, nenhuma tam grande, que nam deminua, & torne a tràs pellos meſmos paſſos de ſeu augmento. Nam ſeja aſſi em noſſas fortunas, Soberano, & Omnipotente Autor da natureza, que aſſi como a criaſtes, a podeis emmendar, & fazer conſtante. Conſeruai, Senhor, perpetuamente
Com. II 2 I. voſſos doens, & prorogai ſem mudança, nem fim, por todos os annos futuros, as felicidades de que tam liberalmente nos fizeſtes mercè no preſente. Nam as percamos depois de logradas, para que nam reſuſcitem com dobrada magoa em nòs, aquellas meſmas deſconſolaçoens, de que tam efficaz, & cũpridamente, & com tam exquiſitos remedios nos liuraſtes. Vni nos vaſſallos o amor do Principe: confirmai no Principe a imitaçam do Pay: proſperai na Eſpoſa a continuaçam dos feliciſſimos annos, competindo nelles a felicidade com o numero, & o numero com os Herdeiros de ſeus ſoberanos dotes, para que o ſejam digniſſimos da meſma Coroa. Sobre tudo enſinandonos a todos a paſſar de tal maneira os annos breues, & incertos deſta vida, que ſaibamos, por meyo della, conſeguir as conſolaçoens dos annos eternos: pois para ſer eternamente noſſo Conſolador, vos dignaſtes ſer temporalmente noſſo Meſtre: *Spiritus Paracletus ille vos docebit omnia.*

BIBLIOTECA
18
MAR.
41
Nº DE REG 2616

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central